

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP

Curso de Pedagogia

TAYNÁ MICHELLE DE FREITAS BUENO

**LÍNGUA E HISTÓRIA: O REVERBERAR DAS VOZES DESTOANTES NA
IDENTIDADE DA MULHER EM *BISA BIA*, *BISA BEL***

Bauru

2018

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP

Curso de Pedagogia

TAYNÁ MICHELLE DE FREITAS BUENO

**LÍNGUA E HISTÓRIA: O REVERBERAR DAS VOZES DESTOANTES NA
IDENTIDADE DA MULHER EM *BISA BIA*, *BISA BEL***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Ciências-
UNESP *campus* Bauru, como requisito para
a obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, sob orientação da Prof^a Dr^a Rosa
Maria Manzoni.

Bauru

2018

B928l Bueno, Tayná Michelle de Freitas
Língua e história : o reverberar das vozes destoantes na
identidade da mulher em Bisa Bia, Bisa Bel / Tayná
Michelle de Freitas Bueno. -- Bauru, 2018
60 p.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura -
Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Rosa Maria Manzoni

1. Identidade da mulher. 2. Interdiscurso. 3. Análise de
discurso. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

TAYNÁ MICHELLE DE FREITAS BUENO

**LÍNGUA E HISTÓRIA: O REVERBERAR DAS VOZES DESTOANTES NA
IDENTIDADE DA MULHER EM *BISA BIA BISA BEL***

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação, da Faculdade de Ciências- UNESP, Bauru-sp, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Manzoni.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Manzoni – Orientadora.

Faculdade de Ciências – Unesp Bauru

Prof.^a Ms. Roselaine Cristini Alves Paredes

Rede Estadual de Ensino – Bauru- SP

Prof.^a Dr.^a Marisa da Silva Dias

Faculdade de Ciências – Unesp Bauru-SP

Bauru

2018

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por toda luz e inspiração para realizar esta pesquisa.

Agradeço a Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Bauru, pela oportunidade de realizar minha primeira graduação; aos funcionários do Departamento de Educação, que trabalham, muitas vezes, nos bastidores, mas favorecem nosso aprendizado, seja com suporte técnico, limpeza ou atendimento; e ao corpo docente do departamento, pela transmissão de conhecimento durante esse período e pelo comprometimento de todos com a educação.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Messias Fialho Capellini e a Prof.^a Dr.^a Thaís Cristina Rodrigues Tezani, por ajudarem a me manter na Universidade com os projetos realizados ao longo do curso.

Agradeço especialmente a Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Manzoni, pois, como professora, me inspirou a buscar cada vez mais conhecimento para ser uma boa profissional. E, como orientadora, mesmo em meio a tanta correria e curto período de tempo, se dispôs e dedicou-se para que pudéssemos realizar esta pesquisa. Obrigada pelo conhecimento compartilhado; pelas conversas; pelas correções e elogios; e pela paciência ao longo desta trajetória. São pessoas como você que fazem a diferença.

A Prof.^a Ms. Roselaine Cristini Alves Paredes e a Prof.^a Dr.^a Marisa da Silva Dias, por terem destinado um tempo para contribuir com esta pesquisa, a fim de enriquecê-la.

A turma que me acompanhou durante todo o curso e proporcionou discussões que me edificaram e mudaram minha maneira de ver o mundo. Principalmente, as minhas amigas: Letícia, Amanda, Fabiana e Maria Eduarda, que se tornaram amigas de luta, em defesa da educação pública, gratuita, laica e de qualidade.

Agradeço aos meus pais, por todo apoio, em especial a minha mãe, por ter me incentivado a entrar no curso de Pedagogia, pois, hoje, não consigo me imaginar fazendo outra coisa senão sendo professora. Obrigada, mãe, pela sua sabedoria e pelos seus conselhos. Você tem parte em tudo que eu sou hoje.

Por fim, agradeço a minha irmã e ao meu namorado, que durante esses quatro anos, me ouviram, aconselharam, incentivaram, e comemoraram minhas conquistas como se fossem suas.

Dedico este trabalho a todas as mulheres
que lutaram para que eu pudesse chegar
até aqui.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como as personagens de uma obra de literatura infantil representam a construção da identidade da mulher moderna. Para tanto, pretendeu-se compreender o funcionamento discursivo das três personagens protagonistas de *Bisa Bia, Bisa Bel* e verificar qual(is) a(s) relação(ões) sustentam o possível entrelaçamento de vozes sociais advindas de três épocas diferentes da narrativa. Para a metodologia de pesquisa foi utilizada a Análise de Discurso de orientação francesa que, por meio do objeto discursivo “identidade feminina”, identificou como o interdiscurso e as novas práticas discursivas dificultam a construção da identidade da mulher, uma vez que, a mudança no contexto sócio-histórico, possibilita também a alteração do discurso em relação aos seus corpos, sexualidade, comportamento, família e trabalho. Diante dessas transformações sociais, o papel feminino na sociedade transita entre sujeito de direito responsável por suas ações, e o sujeito submisso não reflexivo que cede às relações de poder. Ao final desta pesquisa percebe-se que embora a personagem Bel tente conciliar essas vozes destoantes do seu interdiscurso, a relação discursiva das personagens é marcada pelo embate.

Palavras-chave: identidade da mulher; interdiscurso; análise de discurso.

ABSTRACT

This research presents how the characters in a children's literature book represent the construction of the identity of the modern woman. In order to do so, it was intended to understand the discursive functioning of the three protagonist characters of *Bisa Bia*, *Bisa Bel* and to verify the relation that sustains the possible interlacing of social voices coming from three different times of the narrative. For the methodology of research the Discourse Analysis of French orientation was used that, through the discursive object “feminine identity”, identified how interdiscourse and new discursive practices hinder the construction of the woman's identity, since the change in the socio-historical context also makes it possible to change the discourse in relation to their bodies, sexuality, behavior, family and work. Faced with these social transformations, the role of women transits between the subject of law responsible for their actions, and the nonreflective submissive subject that yields to the relations of power. At the end of this research it is noticed that although the character Bel attempts to reconcile these voices of his interdiscourse, the discursive relation of the characters is marked by the clash.

Keywords: feminine identity; interdiscourse; discourse analysis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1	Análise de Discurso	10
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	24
3.1	Organização dos recortes discursivos	25
3.2	Dispositivo teórico de análise: dispositivo de interpretação	26
4.	FORMULAÇÕES SOBRE A MULHER: FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS PERSONAGENS DE <i>BISA BIA</i>, <i>BISA BEL</i>	28
4.1	Análise dos recortes discursivos (objeto discursivo “identidade feminina”)	28
	EFEITO DE CONCLUSÃO	55
	REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, as mulheres foram conquistando espaços e direitos sociais, por meio de luta e resistência. Atualmente, têm-se o direito ao voto, ao divórcio, e ao trabalho, além de assistência jurídica e leis específicas que as amparam em casos de violência. Embora assuntos relacionados a gênero estejam ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas acadêmicas, pouco se fala sobre a trajetória feminina na sociedade e como isso se incorpora a sua identidade.

De um lado, as características concebidas socialmente como femininas e, de outro, os direitos conquistados por lutas pelas mulheres constituem o seu cotidiano e a sua personalidade. Esse processo, muitas vezes inconsciente, somado à falta de interesse dos grupos dominantes em contar a história feminina, acarreta em uma não identificação das mulheres com suas antepassadas, ainda que todas estejam entrelaçadas umas as outras. Um cenário como esse abre precedentes para que as mulheres se mantenham silenciadas e fragilizadas ao invés de buscarem cada vez mais emancipação intelectual, social, financeira e emocional.

Paralelamente a isso, a literatura vem abrindo espaços para discussões necessárias e contemporâneas sobre o lugar social da mulher, a partir dos conhecimentos construídos sócio-historicamente pela humanidade. Nesse mesmo sentido, embora mais lentamente, a literatura infantil incorpora em seus textos, um conhecimento adequado à idade da criança, sem perder de vista os assuntos relevantes e presentes na sociedade. Sem a intenção de mostrar o que é certo ou errado, as obras infantis exprimem a realidade como ela é, para que a criança tenha liberdade de optar sobre qual caminho lhe interessa mais, depois de refletir e interpretar com a mediação do adulto mais desenvolvido.

A literatura vista como uma manifestação artística, capaz de abrir horizontes e emancipar o sujeito, é adequada para realizar o trabalho árduo de humanização do homem e proporcionar ao leitor a identificação própria ou de outrem nas histórias em que conta. Por meio da fantasia, ela é capaz de mostrar os diversos caminhos para que mais mulheres possam se reconhecer e fortalecer como um grupo, conquistando, assim, espaço e autonomia nesta sociedade que, desde o início, as limitou com estereótipos incongruentes ao que elas são e ao seu dever, que lhes deixaram marcas até os dias de hoje.

Não obstante ao dito sobre a literatura ser um instrumento valioso, ainda são poucas as obras literárias que rompem com o padrão e trazem mulheres como protagonistas com crescimento pessoal e/ou profissional ao longo do enredo. Os livros que fogem do padrão cedem espaço para que tanto as mulheres quanto as crianças se sintam representadas, e usem da fantasia e imaginação, como ferramenta para sua projeção num futuro emancipador. Por esses motivos, o livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, chama a atenção ao abordar o feminino de maneira progressista, mas sem deixar de lado toda a trajetória da mulher marcada pela repressão. Sendo um dos maiores clássicos da literatura infanto-juvenil brasileira, a personagem Bel usa a imaginação para entrar em contato com sua bisavó por meio de uma fotografia e, a partir das conversas, começa a ajustar sua identidade mesclando vivências de mulheres de diferentes épocas.

O tema feminismo é abordado de modo subjacente nas formulações das três protagonistas desse livro: bisa Bia, bisa Bel e a neta Beta. A partir dos aspectos apresentados, surge a inquietação de realizar esta pesquisa sobre a trajetória da identidade feminina a partir de uma história de literatura para que mais mulheres possam se reconhecer na história de suas antepassadas e através disso, sejam capazes de acreditar na própria potencialidade. Além disso, acredita-se ser fundamental abrir espaço para obras que abordam assuntos atuais de maneira crítica, promovendo maior visibilidade das lutas femininas na sociedade e nas instituições que lidam com a formação humana e o saber institucionalizado.

Esta pesquisa inscreve-se no referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso de matriz francesa, nos estudos de Michel Pêcheux, e nos estudos de Eni Orlandi e seus seguidores, no Brasil. Nesta perspectiva a análise do discurso das personagens partirá dos traços linguísticos relacionados ao contexto sócio-histórico e à ideologia que sustentam suas ideias.

Assim, com o propósito de compreender o funcionamento discursivo dessas enunciações, elaborou-se a seguinte pergunta de análise: De que forma as formulações das três personagens distanciadas temporalmente entre si na narrativa *Bisa Bia, Bisa Bel* historicam a trajetória da construção da identidade da mulher na sociedade moderna? Para responder a essa questão estabeleceu-se como objetivo geral compreender o funcionamento discursivo das três personagens protagonistas de *Bisa Bia Bisa Bel* e verificar qual(is) a(s) relação(ões) que sustentam o possível entrelaçamento de vozes sociais advindas de três épocas diferentes da narrativa.

Este trabalho está organizado em seis seções. Na primeira apresentamos a introdução sobre o tema desta pesquisa. Na segunda seção, intitulada Fundamentação Teórica, discutimos os dispositivos teóricos e analíticos da Análise de Discurso. Na terceira seção fez-se a descrição do percurso metodológico seguido para a realização desta pesquisa. A quarta seção foi reservada para apresentar a análise e a interpretação dos dados coletados na obra em análise. Na sexta seção apresentamos as considerações finais do trabalho, na qual fizemos as generalizações a partir da análise feita. Por fim, são apresentadas as referências utilizadas na pesquisa na sétima e última seção.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Análise de Discurso

A teoria que norteia este Trabalho de Conclusão de Curso é Análise do Discurso (AD) de Linha Francesa, criada por Pêcheux (1960), e nos estudos de Orlandi (2015), dentre outros. A AD tem como objeto o discurso que “[...] vai definir um processo de significação no qual estão presentes a **língua** e a **história**, em suas materialidades, e o **sujeito**, devidamente interpelado pela **ideologia**.” (FERREIRA, 2003) (grifos da autora). Desse modo, nesta seção, revisitamos alguns conceitos fundamentais para este estudo.

De acordo com Orlandi (2009), embora a gramática e linguagem interessem a esta teoria, o foco dela é, sobretudo o discurso. Etimologicamente esse conceito remete à ideia de percurso e movimento das palavras produzidas em determinado contexto e que fazem parte da história da humanidade. Na análise do discurso se “concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”¹, definindo, portanto, o discurso como capaz de transformar ou manter a realidade em que homem se encontra. A autora ressalta que essa proposta leva em consideração a maneira como o discurso significa para o sujeito, tendo em vista seu papel social e história de vida. Dessa forma, o discurso não é visto como um objeto fechado de estudo, mas como um produto sócio-histórico que coloca em questão conhecimentos das Ciências Sociais e da Linguística em um processo complementar. Sendo assim,

em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a Linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as Ciências Sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual elas se assentam. (ORLANDI, 2009, p. 16).

De maneira independente, a análise do discurso critica as Ciências Sociais e a Linguística por seus estudos fechados, sem considerar que a linguagem está materializada na ideologia, e a ideologia por sua vez se manifesta na língua. Segundo Pêcheux (1975, apud Orlandi, 2009, p. 17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que

¹ ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2009. p. 15.

a língua faz sentido”. Portanto, a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua.

Para Orlandi (2009), diferente da análise de conteúdo, a análise de discurso não se preocupa em interpretar os sentidos existentes no texto, ao contrário, ela considera que a linguagem não é transparente e busca entender “como este texto significa”. Portanto, uma das diferenças nas teorias está na passagem do “o quê” para “como”, considerando que a análise de discurso busca compreender como os símbolos produzem sentidos.

A Análise de Discurso, de acordo com Orlandi (2009), relaciona-se com três áreas disciplinares: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Na Linguística, a afirmação da não-transparência da língua, (pois esta tem seu objeto próprio e ordem própria) é fundamental para esse estudo que busca mostrar como a relação linguagem/pensamento/mundo não se faz termo a termo, ou seja, nem tudo que um sujeito fala é compreendido exatamente da mesma maneira pelo outro. Sobre o Marxismo, a Análise de Discurso apropria-se do materialismo histórico, assumindo que existe um real da história que o próprio homem faz, apesar de não lhe ser transparente. Conforme Orlandi (2009, p. 19):

[...] conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai-se chama a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto linguístico-histórica.

No estudo do discurso é com a forma e o conteúdo que se procura compreender a língua como uma estrutura e principalmente como um acontecimento. Para Orlandi (2009, p. 19), “reunindo a estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história”. Nesse sentido, a contribuição da Psicanálise se faz presente ao deslocar o homem para a condição de sujeito que se constitui por meio do simbólico.

Apesar de estar unida a essas três áreas do conhecimento, a Análise de Discurso não se submete a nenhuma delas, pois as questiona pelas suas incongruências. Ela rompe fronteiras ao abordar diferentes conhecimentos e criar um novo objeto de estudo: o discurso. De acordo com Orlandi (2009, p. 15) “o discurso é assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Para esta teoria, o discurso distancia-se do modo como o esquema da comunicação, no geral, dispõe seus elementos: emissor, receptor, código, referente e mensagem. Esse processo inclui a maneira como os locutores recebem uma mensagem e dão significado a ela de acordo com a história e ideologia que permeiam a língua. Mas para a Análise de Discurso:

não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. (ORLANDI, 2009, p. 21).

A partir desse processo, surge um conceito importante para a Análise de Discurso: os *efeitos de sentidos* que o discurso produz para os interlocutores. Esse conceito, segundo Canguilhem (1980, apud Orlandi, 2009, p. 25), reúne três regiões do conhecimento: a) teoria da sintaxe e enunciação; b) teoria da ideologia; c) teoria do discurso. Sendo assim, a análise de discurso não trabalha apenas a interpretação, ela vai além, buscando vestígios, contexto de produção, a história e ideologia para dar significação ao discurso. Não existe, portanto uma verdade oculta e única por trás do texto existe diferentes maneiras de interpretar por meio de pistas que o analista deve compreender. Para Orlandi (2009, p.26):

[...] a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura.

A seguir apresentamos os conceitos basilares da AD e alguns dos mecanismos necessários ao analista para realizar a interpretação.

Condições de Produção

De acordo com Orlandi (2009), as condições de produção devem ser consideradas sob duas formas: contexto imediato, e contexto sócio-histórico e

ideológico. O primeiro relaciona-se com as circunstâncias momentâneas em que o discurso foi proferido, já o segundo envolve a história da humanidade, levando em consideração os efeitos de sentido que derivam dos diferentes hábitos e comportamentos sócio-históricos. Dessa forma, o contexto de produção abrange também como a sociedade enxerga determinados acontecimentos baseando-se na história e ideologia.

Interdiscurso

A memória faz parte das condições de produção, pois é por meio dela que o interlocutor produz seu discurso. Nesse sentido, ela é chamada de interdiscurso, ou seja, tudo aquilo que já foi dito antes e/ou em outro lugar, e de certo modo, quando essas palavras são reescritas ou retomadas têm efeito sobre o que está sendo dito no imediato. Para Orlandi (2009, p. 31):

[...] alguma coisa mais forte – que vem pela história, que não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua que vai-se historicizando aqui e ali, indiferentemente, mas marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder – traz em sua materialidade os efeitos que atingem esses sujeitos apesar de suas vontades. O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua.

Dessa maneira, apesar de o sujeito acreditar que tem controle e compreensão sobre o que diz, ele não pode controlar o modo como os sentidos se constituem no seu dizer, já que o que é dito em outro lugar ou época também se impõe nas nossas palavras. Segundo Orlandi (2009), há sempre um já-dito que reforça a ideia do interlocutor, atribuindo sentidos outros ao seu dizer e relacionando-se aos jogos políticos e ideológicos da sociedade.

Portanto, a relação que se estabelece entre o que já foi dito (faz parte da memória, entretanto foi esquecido de onde veio essa voz e foi tomado como um dito próprio) e o que está dizendo agora, é o interdiscurso. Já o intradiscurso é aquilo que dizemos naquela situação, levando em conta suas condições de produção. Para Orlandi (2009, p. 33), “todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos”. A autora ainda ressalta:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2009, p. 33) (grifos da autora).

Dessa forma, o sujeito tem acesso a apenas uma parte do que diz, pois as significações presentes em sua fala, mesmo que ele desconheça ou tenha caído no esquecimento, fazem parte do seu dizer. Portanto, o esquecimento também faz parte da estrutura do interdiscurso.

Esquecimento

Para Pêcheux (1975, apud Orlandi, 2009), existem duas formas de esquecimento no discurso. O primeiro se relaciona com o interdiscurso, como já explicitamos anteriormente. Esse esquecimento também pode ser chamado de ideológico, já que está no inconsciente e tem-se a ilusão de achar que tudo o que dizemos, originou em nós. Porém estamos na realidade, retomando sentidos já existentes. Nas palavras de Orlandi (2009, p. 35), “esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos”. Quando nascemos os discursos já estão em processo e somos nós que entramos nesse processo e não o contrário, ou seja, não somos o início da língua, mas elas se realizam em nós.

O segundo esquecimento está ligado à maneira como se realiza uma enunciação, abrindo mão de um sentido para fazer outro. Dessa maneira, no desenrolar da enunciação, sempre aparecem indícios que o dizer poderia ser feito de outra maneira, ou seja, formam-se as paráfrases. Por exemplo: “devemos ser resistentes” tem um efeito de significação, porém, o efeito de sentido muda ao dizer “não podemos ser fracos”, embora a essência seja a mesma. Esse esquecimento pode ser chamado de ilusão referencial por acreditarmos que existe uma relação direta entre o pensamento/linguagem/mundo, e que conseqüentemente tudo o que dizemos só pode ser dito daquela maneira. Apesar disso, esse é um esquecimento parcial, já que muitas vezes retomamos aquilo que dizemos para tentar melhorar a enunciação e especificar aquilo que queremos dizer.

Paráfrase e Polissemia

Segundo Orlandi (2009) o funcionamento da linguagem se configura na tensão que existe entre os processos parafrásticos e polissêmicos. Sendo assim, a paráfrase consiste em todos os dizeres que, apesar de poderem ser modificados, há sempre algo que se mantém, aquilo que é dizível, a memória. Produz-se diferentes formulações assentados no mesmo dizer. Portanto:

essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. E é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam. (ORLANDI, 2009, p. 36).

Dessa maneira, a língua está sujeita à falha assim como a história está passível de ruptura. Esses aspectos demandam a transformação por meio do movimento constante, e “é porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa”². Assim, existe sempre um trabalho contínuo entre a linguagem e a história. Dessa tensão entre paráfrase e polissemia surge a ideia de que os sentidos sempre podem ser outros, apesar de nem sempre ser. Quem determina isso é a maneira como o dizer é afetado pela língua e como ele se inscreve na história.

Por meio desses conceitos, a análise do discurso distingue a criatividade da produtividade. A criação, tida em dimensão técnica, é produtividade, ou seja, ela se baseia em processos já enraizados. Ela se baseia na paráfrase, sempre criando em cima do que se sabe, isto é, retorna no dizível e “produz uma variedade do mesmo”³. A criatividade se inscreve na ruptura com o já-dito, muda as regras e insere o diferente, criando diferentes sentidos na relação com a história e a língua. Nesse sentido a originalidade não é banalizada, ela põe em conflito o que foi produzido e o novo que vai inaugurar.

²ORLANDI, E, P. **Análise De Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2009. p. 37.

³ Ibid.

Assim, surge a afirmação que a paráfrase é a base do sentido, pois não há sentido sem a repetição daquilo que já se sabe. É preciso que o discurso tenha uma sustentação. Da mesma maneira, a polissemia é a fonte da linguagem, já que ela é a condição da existência dos discursos, uma vez que se não houvesse diferentes e novos efeitos de sentido, não haveria motivo para o dizer. Para Orlandi (2009, p. 38), “a polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”.

Portanto, compreendida a relação entre paráfrase e polissemia, pode-se compreender como a linguística se relaciona com a ideologia, e como ambos se relacionam na constituição do sujeito. Por meio da repetição, os efeitos de sentido estão sempre enraizados, enquanto a polissemia garante o novo e o possível, considerando o contexto atual. Segundo Orlandi (2009, p. 38):

Um exemplo interessante é o que diz respeito aos sentidos de “colonização” e seus efeitos em nós, entre a repetição e a diferença. Esses sentidos se constituíram ao longo de uma história a que já não temos acesso e que “falam” em nós. (E. Orlandi, 1990). Isto é a memória, o interdiscurso. Por outro lado, a cada vez que dizemos “colonização”, ou que nos significamos em relação a essa história, esses sentidos retornam mas, ao mesmo tempo, podem derivar para outros sítios de significação (E. Orlandi, 1993), produzindo novos sentidos, efeitos do jogo da língua inscrito na materialidade da história. (grifos da autora).

Formações Imaginárias

O discurso funciona de acordo com vários fatores que serão apresentados a seguir, tendo vista que fazem parte das condições de produção. Todos esses mecanismos estão inscritos no que se chama de formações imaginárias. Assim, não são os sujeitos físicos e nem seus lugares, nem a maneira como esses sujeitos estão inscritos na sociedade que funcionam no discurso, são as imagens que resultam dessas projeções, e são essas “projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso.” (ORLANDI, 2009, p. 40).

O que importa para o discurso é a posição do sujeito tendo em vista sua relação com o contexto sócio-histórico e a memória. Para Orlandi (2009, p. 40):

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto de discurso, dentro de uma conjuntura sócio-

histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras.

Na análise discursiva o que vale é a posição discursiva do sujeito, ou seja, não importa o locutor empírico, mas sim a posição que este ocupa ao fazer valer o seu dizer, de determinado modo. Os mecanismos (relações de força, relações de sentido e a antecipação) pensados sob o funcionamento das formações imaginárias determinam que se pode ter variadas e diferentes possibilidades pensando nas relações sociais existentes na sociedade.

Relações de Força

Esse mecanismo demonstra a ideia de que o lugar de fala do sujeito constitui na maneira como ele fala. Para Orlandi (2009, p. 39), “[...] se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno”. As relações de poder e hierarquização presentes na sociedade se transferem para o discurso, conferindo maior valor as enunciações de pessoas com maior credibilidade, perante as concepções sociais.

Relações de Sentido

De acordo com Orlandi (2009), esse mecanismo implica que todos os discursos se relacionam uns com os outros. Portanto, um discurso aponta para outro que o sustenta, e assim sucessivamente. Dessa forma, não existe o começo ou fim de um discurso, uma vez que um sempre leva a outro, ou seja, todo discurso é visto como uma parte de um discurso mais amplo.

Antecipação

Segundo Orlandi (2009), esse mecanismo dá o direito de todo sujeito se colocar no lugar do interlocutor, antecipando, assim, os efeitos de sentido produzidos neste para estar um passo a frente na argumentação. Esse efeito faz com que o sujeito regule o que vai dizer, de acordo com a maneira que ele pensa que o interlocutor recebeu sua

mensagem. A autora ressalta: “como em um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de ‘jogadas’, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo das imagens na constituição dos sujeitos” (2009, p. 41, grifo da autora).

Formação Discursiva

O sentido não existe por si só, mas é determinado pela ideologia que perpassa o processo sócio-histórico no momento em que as palavras são ditas. Sendo assim, as palavras produzem efeitos de sentido diferentes dependendo da posição social de quem as diz. Para Orlandi (2009, p. 43), “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”.

De acordo com a autora, essa constatação determina dois pontos importantes para conjecturar a formação discursiva. O primeiro afirma que o discurso se constitui em seus sentidos porque o dizer do sujeito se inscreve em uma formação discursiva para ter significação. Disso percebe-se que as palavras por si só não apresentam sentido, mas os sentidos aparecem devido à formação discursiva na qual estão inseridos. Já as formações discursivas são representadas no discurso pelas formações ideológicas, pois não há sentido que não seja determinado ideologicamente. Apesar disso, a ideologia não está nas palavras, mas na discursividade, ou seja, na maneira como a ideologia se apresenta no discurso. Dessa forma:

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória. (ORLANDI, 2009, p. 44).

Portanto, o sentido não é determinado pela língua, ao contrário, é determinado nas relações constituídas pela formação discursiva. Sobre esse conceito Orlandi (2009, p. 44) afirma que “elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações”. Dentro disso, a metáfora aparece como imprescindível na análise de discurso, pois ela é a tomada de uma palavra para outra, ou

seja, a “transferência” de uma palavra para outra, estabelecendo um novo modo como as palavras significam.

Não há sentido sem metáfora, já que, nessa perspectiva, as palavras não têm um sentido próprio preso a literalidade. Para Pêcheux (1975, apud Orlandi, 2009, p. 44), o sentido é uma palavra ou expressão por outra palavra ou expressão, caracterizando, portanto uma superposição ou transferência (metáfora), em que elementos se confrontam de modo a representarem um sentido. Para o autor, o sentido existe apenas nas relações de metáfora (substituições, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma “formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório” (ORLANDI, 2009, p. 44).

O segundo ponto consiste no fato de que é através da referência à formação discursiva que podemos compreender no funcionamento discursivo os vários sentidos. As palavras iguais podem ter significados diferentes dependendo da formação discursiva que elas se inscrevem. Orlandi (2009) usa como exemplo a palavra “terra” que não tem o mesmo significado para o indígena e para o agricultor. O sentido diferente da palavra se dá pelas condições de produção e pela maneira que ela se insere nas diferentes formações discursivas.

Ideologia e Sujeito

Na análise de discurso ocorre a resignificação do conceito de ideologia, considerando-a a partir da linguagem. A ideologia é a condição para que se constituam os sentidos e os sujeitos, portanto o indivíduo é interpelado a ser sujeito pela ideologia, e, assim, produzir seu dizer. De acordo com Pêcheux (1975, apud Orlandi, 2009, p. 46), uma característica comum da ideologia é esconder sua existência no interior do sujeito e produzir evidências que não só o afetam, mas o *constituem*. Desse conceito surge a necessidade de uma teoria materialista do discurso, em que se pode-se trabalhar o efeito de evidências tanto nos sujeitos como nos sentidos. Para Orlandi (2009, p. 46):

A evidência do sentido – a que faz com que uma palavra designe uma coisa – apaga o seu caráter material, isto é, faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações. Este é o efeito da determinação do interdiscurso (da memória).

A evidência do sujeito (a de que somos sempre sujeitos) apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. São essas duas evidências – do sentido e do sujeito – que determinam o caminho pelo qual o sujeito irá enxergar e viver sua realidade. Isso acontece devido ao “esquecimento”, já mencionado, em que o sujeito coloca-se em situação de subordinação, acreditando que ele mesmo deu início a suas ideias (e que tem autonomia) sem considerar que elas são anteriores a ele. Sendo assim, a ideologia não é a ocultação, mas a relação que existe entre linguagem e mundo.

Pensar a ideologia nessa perspectiva coloca em campo a interpretação, pois para que o sentido se faça presente na língua é preciso analisar a história pela sua opacidade e equívoco. Dessa forma, a interpretação envolve as condições de produção e não apenas a decodificação e apreensão dos sentidos. Para Orlandi (2009, p. 47), ela acontece por meio da memória tendo em vista dois aspectos:

a. a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação onde se separa quem tem o quem não tem direito a ela; b. a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo). O gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (o arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso), podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos.

Por sua vez, a ideologia segundo Orlandi (2009) não é vista como uma interpretação individual de mundo ou ocultação da realidade. Nesta perspectiva, não há realidade sem ideologia, pois ela aparece como um efeito da relação do sujeito com a língua e a história resultando no sentido. A ideologia faz com que existam sujeitos uma vez que seu efeito produz a constituição dos mesmos. E é pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito que inaugura-se a discursividade, entretanto, essa interpelação também apaga a inscrição da língua na história dando a impressão do sujeito ser a origem do que diz. Dessa maneira, na análise de discurso o sujeito só tem acesso a uma parte do que diz. Ele é dividido na sua constituição em “sujeito de” e em “sujeito à”, ou seja, ele é sujeito à língua e história, pois é afetado por elas ao se constituir, mas se ele não se submeter a isso, não produz sentidos.

Outro ponto importante é que o sujeito discursivo é uma “posição” entre outras, ou seja, é a posição que ele ocupa e pode ocupar para ser sujeito do que diz. Para Orlandi (2009, p. 49), “o modo como o sujeito ocupa seu lugar, enquanto posição, não lhe é acessível, ele não tem acesso direto à exterioridade (interdiscurso) que o constitui”. Nesse sentido, os sujeitos podem mudar de posição e sentido de acordo com

a formação discursiva em que inscreve suas palavras, tornando seu dizer equivalente a outras falas que também são feitas dessa mesma posição. A autora traz um exemplo a respeito desse conceito:

Quando ao abrir a porta para um filho altas horas da madrugada, a mãe fala “isso são horas?” ela está, na posição-mãe, falando como as mães falam. Exatamente. Podemos até dizer que não é a mãe falando, é sua posição. Ela aí está sendo dita. E isso a significa. Isso lhe dá identidade. Identidade relativa a outras: por exemplo na posição de professora, de atriz, etc. (ORLANDI 2009b, p. 49.)

Esse trabalho ideológico está relacionado a memória e ao esquecimento, pois quando uma frase ou palavra passa para o anonimato, o sentido começa a ser produzido pela literalidade. O sujeito acredita que os sentidos significam de acordo com sua vontade imediata, sem considerar que o dizer tem história e que os sentidos não ficam presos ao momento da enunciação. Isso se comprova quando um mesmo dizer, produz em diferentes interlocutores, diferentes efeitos de sentidos, e não tem-se controle sobre isso.

A Forma Histórica do Sujeito

A forma que o sujeito se encontra na sociedade explicita a noção de contradição: é um sujeito livre e ao mesmo tempo submisso. Segundo Orlandi (2009, p. 50), “ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la”. Isso é o que se chama de assujeitamento na análise de discurso.

De acordo com Orlandi (2009), quando se leva em consideração a relação da língua com a ideologia, pode-se observar que o sujeito histórico acredita ser um mestre de suas palavras. Porém, ele nem sempre teve essas características de sujeito-de-direito ou sujeito jurídico, pois essas são fruto da modernidade. Para Haroche (1987, apud Orlandi, 2009), na Idade Média, a forma-sujeito religioso apresentou-se de maneira diferente da atual. A subordinação explícita que o homem tinha perante Deus, abre espaço para uma subordinação menos explícita que o homem deve ter diante das leis, com seus direitos e deveres (sujeito-de-direito). Para a autora, essa submissão é menos clara, pois traz consigo a ideia de autonomia, liberdade e um não assujeitamento.

Porém, é preciso distinguir o sujeito de direito do indivíduo, pois esse não é uma entidade psicológica e sim efeito de uma estrutura social: o capitalismo.

Submeter o sujeito e ao mesmo tempo garantir liberdade individual faz com que essa realidade transpareça no discurso como um reflexo da sociedade. Segundo Orlandi (2009, p. 51):

Na transparência da linguagem, é a ideologia que fornece as evidências que apagam o caráter material do sentido e do sujeito. É aí que se sustenta a noção de literalidade: o sentido literal na concepção linguística imanente, é aquele que uma palavra tem independentemente de seu uso em qualquer contexto. Daí seu caráter básico, discreto, inerente, abstrato e geral. No entanto, se levamos em conta, como na Análise de Discurso, a ideologia, somos capazes de aprender de forma crítica, a ilusão que está na base do estatuto primitivo da literalidade: o fato de que ele é um produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas de poder.

Portanto, o analista do discurso deve fixar seu olhar sobre a literalidade quando se tem a ilusão de que existe uma palavra que representa exatamente a mesma coisa, dando a ideia de que o texto é transparente. É preciso trazer à tona a opacidade do texto para compreender quais os efeitos de se ter essa impressão de transparência construída. (Pêcheux, 1981, apud Orlandi, 2009).

Movimento, Deslocamento e Ruptura

Segundo Orlandi (2009), uma das condições da linguagem é a incompletude, já que nem os sentidos nem os sujeitos estão completos ou constituídos definitivamente, assim ambos se relacionam por meio da falta, do movimento e entremeio. Para a autora, ao fazer uma enunciação, o sujeito significa em condições determinadas, de um lado pela língua e, de outro, pela sua experiência; por fatos que pedem sentidos e pela memória discursiva; por um saber/poder dizer fatos que fazem sentido por se inscreverem em uma formação discursiva que representa na história, as formações ideológicas. Quando o sujeito fala está suscetível à falha, ao acaso e ao jogo. Se o sujeito e o sentido poderiam ser de uma forma, eles escorregam e se deslocam para outros sentidos que não aquele. Orlandi (2009, p. 53) reitera que “a deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras”.

É no interdiscurso que se sustenta o dizer de formulações já feitas, mas que foram esquecidas e deixadas no anonimato no nosso subconsciente. Não se tem o domínio sobre essa memória que constitui os efeitos de sentido, dando a impressão de controle sobre o que se diz. Porém, esse esquecimento é necessário para que o sujeito se inscreva em um lugar de movimento da identidade e dos sentidos, pois sempre se produz novas possibilidades e outros sentidos. (ORLANDI, 2009).

Para Orlandi (2009), devido à incompletude do sujeito, dos sentidos e da linguagem, mesmo que um sentido se inscreva em uma rede de constituição, ele pode ser deslocado desta. Há também a estabilização em que o movimento não flui e o sujeito não se desloca. Ao invés de colocar-se em uma formação discursiva para fazer sentido, ele só repete os dizeres estabelecidos, sem realizar uma reflexão.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos desta pesquisa, que se inscreve na área da Análise de Discurso (AD), de orientação francesa. A seguir, apresentam-se as etapas do processo de análise, a materialidade analisada, os recortes das sequências discursivas e, por fim, o dispositivo teórico de análise.

O seu campo discursivo é o literário e, a partir desse campo, foi delimitado como espaço discursivo as enunciações de personagens da narrativa infanto-juvenil *Bisa Bia Bisa Bel* (1982), de Ana Maria Machado. Definindo o campo e o espaço discursivo, tem-se que o *corpus* de análise é de arquivo.

Levando em conta o dispositivo teórico, o analista do discurso formula uma questão que embasará e dará perspectiva à análise. Assim formulou-se a seguinte pergunta discursiva: De que forma as formulações das três personagens distanciadas temporalmente entre si na narrativa *Bisa Bia Bisa Bel* historicam a trajetória da construção da identidade da mulher na sociedade moderna?

O corpus é constituído de todos os recortes que dão visibilidade ao funcionamento discursivo das personagens da narrativa supracitada. A construção do *corpus* foi feita paralelamente a análise. Segundo Orlandi (1998, p. 10), “a delimitação do corpus não segue critérios empíricos (positivistas) mas teóricos. Desse modo, a questão da exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não em relação ao material linguístico empírico (textos) em si, em sua extensão.” Assim sendo, o *corpus* organizado nesta pesquisa parte de enunciados das personagens que fazem referência à mulher.

No processo discursivo em análise é demarcado o objeto discursivo *identidade da mulher* que orientou e organizou os recortes discursivos, feitos das formulações das personagens da narrativa em questão. Dessa forma, foram feitos dois recortes discursivos, levando em conta os interesses pessoais, indícios na materialidade significativa, como as marcas linguísticas. Assim, os recortes foram feitos buscando as marcas do político (ideológico) no simbólico (língua, isto é, narrativa).

De acordo com Orlandi (1989, p. 36), o recorte é uma unidade discursiva percebida como fragmentos que correlacionam estrutura e acontecimento. O primeiro recorte é intitulado **Formações imaginárias** e o segundo, **Construção da identidade da mulher**. Cada um dos recortes é constituído por três blocos discursivos que, por sua

vez, são constituídos por enunciações das personagens (formulações) as quais constituem o material de análise deste trabalho (*corpus* de arquivo ou de memória). Cada enunciação é considerada um texto e, dessa materialidade significativa, foram recortadas sequências discursivas que estejam relacionadas ao objeto discursivo desta pesquisa: identidade feminina.

Os interlocutores da enunciação são identificados da seguinte maneira: Narrador = Bel = N; Bisa Bia = BB; Neta Beta = NB; Sérgio = S; Mãe da Bisa Bel = M; Adriana, amiga de Bel = A; e Marcela, colega de sala de Bel = MA. Todas as enunciações estão inscritas no espaço literário, domínio que, por meio do recurso da verossimilhança, permite conceber como possível a conversa entre gerações: a bisavó, a criança de nove anos e a sua neta que ainda nem nasceu. Esse modo de construção da narrativa, Ana Maria Machado deixa em suas personagens pistas linguísticas sobre seu interdiscurso e o contexto de produção da obra.

3.1 Organização dos recortes discursivos

Os recortes são constituídos por blocos e estes, por sua vez, são constituídos por sequências discursivas (SD). O recorte, segundo Orlandi (1984, apud Cazarin, 2004, p. 36) “é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem – e – situação. Assim, um recorte é um fragmento de situação discursiva”. Os blocos são subconjuntos dos fragmentos de discursos que, como analista de discurso, organizamos para visibilizar a análise. Já as SD são as formulações das personagens analisadas.

Abaixo apresentamos a constituição dos recortes discursivos:

Recorte 1: Formações Imaginárias

Bloco 1: Imagem de Bisa Bia por Bel 5 SD

Bloco 2: Imagem de Bel por Bisa Bia 2 SD

Bloco 3: Imagem de Neta Beta por Bel 1 SD

O bloco 1 é constituído por 5 SD; o bloco 2, por 2 SD e o bloco 3, por 1 SD. Esse recorte foi constituído por um 8 SD.

Recorte 2: Constituição da identidade da mulher.

Bloco 1: Comportamento feminino em relação aos homens 5 SD

Bloco 2: Trabalho doméstico e Trabalho fora do ambiente familiar 4 SD

Bloco 3: Embates entre gerações 10 SD

O bloco 1 é constituído por 5 SD; o bloco 2, por 4 SD e o bloco 3, por 10 SD.

Esse recorte foi constituído por um 19 SD.

O total de SD analisadas nos dois recortes foi de 27. Do recorte 1 e de seus blocos discursivos, procuramos analisar as diferentes formas de representação das três personagens protagonistas de *Bisa Bisa*, *Bisa Bel* (bisa Bia, bisa Bel e neta Beta) e compreender o modo como funciona o trabalho da ideologia nas condições de produção que estão implicadas na discursividade dessas três personagens sobre o objeto discursivo *identidade feminina*. Já do recorte 2 e dos seus blocos discursivos, buscamos compreender o processo de constituição da identidade da mulher a partir da divisão entre homem e mulher com base no comportamento, nos hábitos, nas formas de se vestir e responsabilidades, formas de trabalho, dentre outros embates.

Em AD, a análise é sustentada pelo cruzamento da língua com a história. Assim, as marcas linguísticas captadas são relacionadas no contexto sócio-histórico e, a partir desse cruzamento realizamos nosso gesto de interpretação produzindo os efeitos de sentido descritos no processo de análise.

3. 2 Dispositivo teórico de análise: dispositivo de interpretação

Constituem *corpus* da análise os recortes das formulações das personagens da narrativa infanto-juvenil *Bisa Bia*, *Bisa Bel*. O processo de análise seguiu o dispositivo analítico da AD, que ocorrem em três etapas, conforme abaixo:

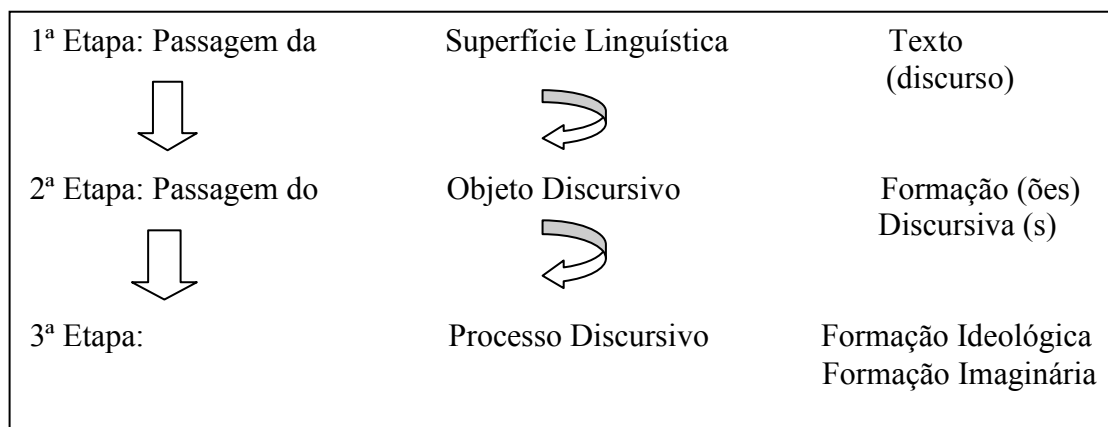
1ª Etapa: Passagem da superfície linguística para o objeto discursivo

2ª Etapa: Passagem do objeto discursivo para o processo discursivo

3ª Etapa: Processo discursivo

Para ilustrar esse processo, Orlandi (2009, p. 44) propõe a seguinte figura:

Figura 1: Etapas do processo de análise de discurso na perspectiva da AD francesa



Fonte: Orlandi (2009, p. 77).

De acordo com a figura acima, a análise do *corpus* deste trabalho procedeu-se da seguinte maneira: a) na primeira etapa da análise efetivamos os recortes segundo os objetivos do trabalho, do ponto de vista da ordem do discurso, demarcamos as unidades e recursos da língua para cruzá-las com a história e transformamos a superfície da língua em objeto discursivo (identidade da mulher); b) na segunda etapa, considerando que um texto é enunciado por uma pessoa, localizamos os locutores e interlocutores no processo discursivo relacionando as enunciações a posições-sujeito; e c) na terceira etapa, esforçamo-nos para compreender o processo discursivo das formulações integrantes dos recortes no sentido de identificar a inscrição ideológica dos enunciadores associadas às formações discursivas e quais as relações que sustentam os dizeres.

4. FORMULAÇÕES SOBRE A MULHER: FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DAS PERSONAGENS DE *BISA BIA*, *BISA BEL*

Esta seção apresenta a análise das SD que constituem o *corpus* deste trabalho

4.1 Análise dos recortes discursivos (objeto discursivo “identidade feminina”)

Recorte 1: formações imaginárias

Bloco 1: Imagem de Bisa Bia por Bel

- 1 SD 1 – (N): Só depois que eu fiquei conhecendo melhor Bisa Bia é que soube da verdade: ela não gosta
2 de ver menina usando calça comprida, short, todas essas roupas gostosas de brincar. Acha que isso
3 é roupa de homem, já pensou? De vez em quando ela vem com umas ideias assim esquisitas. Por ela,
4 menina só usava vestido, saia, avental, e tudo daqueles bem bordados, e de babado. (MACHADO,
5 2007, p. 12).

A expressão *Ela não gosta* (L1) formulada pela personagem Bel, é constituída por advérbio de negação para expressar suas opiniões em relação ao comportamento feminino. A obra toda é narrada em primeira pessoa, colocando Bel como narradora, portanto, embora outras personagens tenham falas, tudo passa pela maneira como Bel observa o mundo e as relações a sua volta. Este discurso relatado exprime a imagem que ela tem da Bisa Bia, após a conhecer melhor. A imagem que Bel tem de sua bisavó não é resultado de seu sujeito físico, mas da projeção que Bel tem sobre Bisa Bia na posição-sujeito do discurso. “Quem é ele para que me fale assim?”

Por que ela (Bisa Bia) não gosta dessas atitudes? Por que as considera masculinas? De quem é a voz que está por trás deste discurso reproduzido pela Bisa Bia? A personagem faz uma repetição mnemônica daquilo que está no seu interdiscurso, acionando a memória discursiva para dizer aquilo que já está pré-construído, ou seja, outras vozes em diferentes épocas e momentos já disseram isso, e estão internalizadas na memória e reclamam sentidos quando são retomadas no discurso da Bisa Bia.

Ao formular que para Bisa Bia “menina só usava vestido, saia, avental” (L4) são resgatados sentidos outros, resultados de diferentes tempos e espaços, mas que ainda refletem na identidade feminina. A designação “avental” qualificado como “bem

bordado” e “de babado” ao lado de “vestido” e “saia” permite o gesto de interpretação de que o aparato de trabalhos domésticos “avental” integra o vestuário da mulher e isso já direciona o sentido para qual trabalho a mulher deve se dedicar na visão de Bisa Bia.

Mobilizando a história, nota-se que, segundo Aranha (2006), nas comunidades primitivas, a mulher desempenhava um papel importante nas atividades coletivas e, embora houvesse a divisão do trabalho, as relações eram complementares e não de subordinação. Contudo, com a consolidação do sistema capitalista, a mulher é confinada ao trabalho doméstico e o homem se torna o provedor do lar. De acordo com Aranha (2006, p. 137), “de participante da produção social, a mulher viu-se reduzida à função de reprodutora e encarregada da educação dos meninos até os sete anos de idade, enquanto as meninas permaneciam confinadas ao lar até o casamento”.

Segundo Castells (1999, p. 23), as mulheres foram construindo sua identidade por meio da história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Esses materiais são processados pelos indivíduos em função das estruturas enraizadas na sociedade. Nesse sentido, Castells (1999, p. 169) ressalta que a personalidade feminina é marcada pela “dominação e violência que tem sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo”. No mesmo sentido, Vieira (2005) ressalta que, para a constituição de si mesmo, o sujeito se reduz ao determinismo social, assimilando na construção identitária, particularidades e valores de cada momento. A autora ressalta que a submissão feminina, durante momentos históricos específicos, impôs à mulher a construção de sua subjetividade por meio de experiências e emoções singulares. Bisa Bia foi atravessada por essa ideologia que concebe a mulher como um sujeito delicado e subordinado a realizar as tarefas domésticas. Sendo assim, ela acredita que além de adequado, esse comportamento é natural e inerente a identidade da mulher.

A formulação de Bel *já pensou* (L3) desqualifica o que Bisa Bia diz sobre o comportamento feminino, pois as mudanças sócio-históricas permitem um embate entre gerações diferentes. Bel, por estar em outro momento histórico, está construindo outra visão sobre como as mulheres/meninas devem ocupar socialmente seu lugar. Embora sua concepção demonstre relativa autonomia, ela também passa ideologia e história, pois foi depois de intensa mobilização feminina que as mulheres conquistaram liberação tanto nas vestimentas quanto no comportamento, além de adquirirem a cidadania quando, em 1988, a Constituição determinou que homens e mulheres são iguais perante a lei. Sendo assim, o discurso das duas personagens é atravessado pela história e se

inscrevem em uma formação ideológica. Bisa Bia tem seu discurso reforçado pela Igreja e Família, inscrevendo-se na formação discursiva religiosa e do patriarcalismo, enquanto Bel inscreve-se na formação discursiva no campo Político e Jurídico, que garantem direitos, deveres e relativa liberdade às mulheres.

Para continuar a análise, segue-se por um dos sentidos possíveis que implica não considerar a existência de Bisa Bia. Ela atua no inconsciente da Bel, sendo, portanto, o seu interdiscurso, ou seja, são as mais diversas vozes que ela ouviu em algum lugar e/ou momento e que, devido ao esquecimento ideológico (Pêcheux, 1975 apud Orlandi 2009), forma a ilusão de que essas ideias originaram nela mesmo. Porém, esses discursos já existem na sociedade, independente de Bel, e se perpetuam pela paráfrase, em um processo contínuo.

1 SD 2 – (N): **A partir desse dia, passei a ter longas conversas com Bisa Bia.** Geralmente quando nós
2 estávamos sozinhas. Ela me contava uma porção de coisas do tempo dela, ensinava coisas, falava de
3 lembranças, dava conselhos — o que ela gosta de dar conselhos não dá nem para imaginar. Alguns
4 conselhos são ótimos. Por exemplo, **enfeitar meus cadernos com figuras coloridas** (que ela chama de
5 “cromos”). Acabamos descobrindo uns numa papelaria, que são mesmo umas graças. Fiquei com mania
6 de cromos. Tenho cromo de anjinho, de bicho, de criança, de coração, de palhaço, de passarinho, de
7 borboleta, de flores, uma porção. E não colo só nos cadernos, não. Saio colando em todo canto. Ponho em
8 vidros, em caixinhas, nas gavetas, enfeito minha pasta de colégio com eles e ainda guardo um monte em
9 coleção. Qualquer dia desses até peço a Dona Sônia para ver a tal coleção de retratos antigos que ela tem
10 e mostro a minha de cromos. Aposto que a minha é mais bonita. **E foi tudo idéia de Bisa Bia, eu nem**
11 **conhecia esses cromos. Aliás, quando eu falei a ela da coleção de fotos de Dona Sônia, ela contou**
12 **que, quando era moça, uma vez apareceu uma mania de colecionar cartões-postais, toda família**
13 **tinha esses cartões, arrumados de um jeito especial para mostrar às visitas em cima dos móveis,**
14 **numa espécie de vitrine própria. E tinham coleções de leques, de enfeites, de muitas coisas.**
15 (MACHADO, 2007, p. 29-30).

Estar no campo literário permite que Bel converse com sua bisavó por meio de uma fotografia. Essa conversa ocorre no subconsciente da menina, justificando o fato de ela conversar com Bisa Bia: “*Geralmente quando nós estávamos sozinhas*” (L1/2), sustentando o gesto de interpretação de que um dos sentidos possíveis é o ideário de Bisa Bia que representa o interdiscurso de Bel, que tenta conciliar as diversas vozes (conservadora e progressista) espaçadas temporalmente em sua memória.

Na formulação *Alguns conselhos são ótimos* (L3/4) seguida por uma série de exemplos das manias e costumes de Bisa Bia que a influenciaram indica que os conselhos de que ela gosta e aceita são os que estão ligados aos costumes fúteis, como coleções e adesivos. Esses hábitos não interferem diretamente na sua forma de se

relacionar com o mundo. Pode-se observar que, nos momentos em que as duas se entendem e se aproximam, estão falando sobre essas trivialidades (L de 10 a 14).

A partir do efeito de sentido de que Bisa Bia faz parte da inconsciência de Bel, essas memórias e conselhos constituem o interdiscurso da personagem Bel que retoma esses discursos vindos de diferentes vozes e ora os repudia ora os acata, por acreditar que estes não lhe interferem constitutivamente, ou seja, não influenciam no quê ela é.

- 1 SD 3 – (N) **A gente fala a mesma língua, mas tem horas que nem parece, porque tem umas coisas que**
2 **mudaram muito**, fica até difícil entender... Eu pensava nessas dificuldades, mas Bisa Bia nem ligava, já
3 tinha mesmo aberto o falador e era só continuar [...] (MACHADO, 2007, p. 33-34).

Bel afirma que as duas (Bel e Bisa Bia) falam “a mesma língua” (L1), mas seus discursos se inscrevem em diferentes formações discursivas e ideológicas, produzindo, então, diferentes efeitos de sentido. As marcas linguísticas também indicam traços da personalidade de Bel. A conjunção adversativa “mas” (L1 e 2) é operador argumentativo cuja função é apagar o argumento anterior e valorizar o posterior.

A formulação de Bel “a gente fala a mesma língua” (L1) tem como um dos seus efeitos de sentido de concordância acerca de um assunto, no caso esse acordo são os fatos da trivialidade, mas quando partem para assuntos que abarcam a visão das personagens sobre os fatos e fenômenos da vida, elas não estão “falando a mesma língua”. É a forma “mas” que põe o limite na fronteira da concordância entre Bisa Bia e Bel.

Ao formular “eu pensava” (L2) percebe-se que Bel reflete sobre os conflitos que existem entre as duas. Porém, a imagem que ela tem de Bisa Bia indica que a bisavó não se importa com seus confrontos, não pensa sobre eles, possivelmente se colocando como irredutível em suas opiniões. A marca linguística que permite esse gesto é “Bisa Bia nem ligava” (L2/3).

- 1 SD 4 – (N): O que mais me chateia em Bisa Bia é a **mania que ela tem de dar conselhos, como se ela**
2 **fosse a maior e soubesse de tudo, só porque viveu mais tempo** (um tempo que nem tinha televisão...). E
3 sempre vem com uma conversa assim:
4 (BB): — Meu coraçãozinho, **eu estou falando é para o seu bem...** Um dia, **você vai crescer e vai me**
5 **dar razão...**
6 Ou então:
7 (BB): — **Escute o que eu estou lhe dizendo, aprendi com a minha experiência...**
8 (B): — Por isso mesmo, ué, se eu não puder fazer a minha experiência, como é que vou aprender? —
9 bem que eu respondo às vezes. (MACHADO, 2007, p. 37).

A enunciação da SD4 mostra que Bel tem a imagem da Bisa Bia como alguém que se imagina saber de tudo devido à experiência de vida, colocando-se em uma posição de superioridade (L de 1 a 7). Bisa Bia ocupa a posição-sujeito mãe identificando-se com a formação discursiva de família ao valorizar a experiência e por isso significa o comportamento da mulher de uma maneira, pois ao se inscrever nessa formação discursiva, esta determina o que Bisa Bia pode e deve dizer. Assim, sua posição-sujeito transita entre bisavó, mãe e mulher e tais papéis sociais também determinam historicamente que Bisa Bia deve dar conselhos e cuidar dos mais novos, no caso, da Bel, sua bisneta.

O modelo de sociedade no qual estamos inseridos é sustentado por relações de poder e essa hierarquização também é materializada no discurso, configurando as relações de força propostas por Orlandi (2009). Portanto, a comunicação entre Bisa Bia e Bel é marcada pelas relações de força, já que a fala de uma bisavó, com mais experiência, vale mais que a de uma criança (expressões em negrito nas linhas 1, 2, 4/5 e 7).

- 1 SD 5 – (N): **Eu não disse que Bisa Bia é um amor?** Ela ficou um tempo em silêncio, depois disse:
- 2 (BB) — Escute, Bel, eu não estou acostumada com isso, não sei como é que é. Mas se você diz que é
- 3 assim, deve ser verdade, porque **uma bisneta minha não ia mentir**. Só que, então, existe um problema.
- 4 (B): — Qual?
- 5 (BB) — **Se você está querendo namorar, minha querida, precisa aprender. Porque, do jeito que**
- 6 **você está fazendo, está tudo errado.**
- 7 Achei melhor cortar logo:
- 8 (B): — Mas está dando certo, Bisa Bia. Vê se desta vez você não se mete, não, tá?
- 9 (N): Como eu pedi, ela não se meteu. Quer dizer, durante alguns dias. (MACHADO, 2007, p. 48-49).
- 1

Bel tem a imagem da Bisa Bia como um sujeito contraditório que é intrometido (L7 e 8) e obediente (L9), a forma linguística “quer dizer” (L9) equilibra essa contradição de posicionamento, pois “durante alguns dias” (L9) a bisavó não se mete na vida da bisneta. Já Bisa Bia também parece sentir uma ligação com sua bisneta, pois vê em Bel a extensão de sua família ao dizer “uma bisneta minha” (L3), essa extensão vai para além dos laços sanguíneos. Trata-se de padrões culturais e domésticos desenvolvidos por essa família, uma espécie de *modus vivendi* atribuindo um mesmo comportamento às duas, uma espécie de padrão formativo. Apesar disso, ela ainda acredita ser necessário algumas mudanças, pois generaliza ao dizer que Bel está fazendo *tudo errado* (L6).

Bisa Bia ocupa uma posição moralizante e repressiva em relação ao comportamento de Bel (L6). Portanto, desse ponto de vista, ela está melhor posicionada por estar do lado da ideologia dominante. Assim, refere-se a Bel com expressões que remetem a um sentimento de superioridade, cuidado, correção e, em alguns momentos, a sensação de certeza conduz Bisa Bia a realizar falas irônicas, como no trecho *minha querida* (L5).

Bloco 2: Imagem de Bel por Bisa Bia

- 1 SD 6 – (N): Outra coisa que ela contou que tinha no quarto era penteadeira, cheia de vidros de perfume
- 2 em cima, enfeites de louça (vê que nome engraçado, **chamava “bibelô”** e ela diz que eram tão
- 3 **bonitinhos que eu até pareço um “bibelô”**). (MACHADO, 2007, p. 31).

Bisa Bia em seu discurso reforça a imagem que tem de Bel ao determinar quem ela é para que lhe fale assim. A formulação em negrito (L2/3) do recorte acima sustenta o gesto interpretativo de que a bisavó compara Bel a um objeto inanimado, que não pensa e só é bonito, isto é, fútil, delicado e de pouco valor.

- 1 SD 7 – (N): [...] Fiquei contando as cruzes e bordando, enquanto mamãe voltou para a prancheta dela.
- 2 Bisa Bia ficou toda feliz:
- 3 — **Isso, sim, é comportamento de uma mocinha bonita! Estou gostando de ver esta senhora minha**
- 4 **bisneta, tão jeitosa...** (MACHADO, 2007, p. 59).

Bisa Bia tem a imagem de que Bel pode ser modelada para ter um comportamento considerado adequado socialmente para ela. Assim, ela se anima ao ver Bel realizando um trabalho considerado feminino. (L3/4)

O livro inscreve-se na instituição literária, por isso, também, a história de vida do escritor deve ser considerada, uma vez que tanto os acontecimentos da época quanto a vivência do autor (ambos perpassados pela ideologia) implicam a criação da personalidade e comportamento das personagens. Ana Maria Machado, em um dos seus livros, fala da sua experiência com a costura:

Tenho em minha memória pessoal uma permanente tensão entre os livros e os trabalhos de agulha. Em pequena, gostava de ler e lia bem (e muito). Aprendi a bordar e gostava. Fiz crochê e tricô, alguma coisa de costura. Mas não fazia bem, estava muito longe da perfeição. E várias vezes era criticada – como se criticavam as crianças, ou seja, com veemência e sem paciência – porque meus “trabalhos manuais” eram matados, mal rematados, de avesso feio. Precisei de muito tempo para reconciliar esses opostos e não deixar que as acusações de falta de capricho (o que talvez fosse mais justo debitar à

pouca experiência e ainda escassa intimidade com a agulha) impedissem meu prazer de bordar. Já escrevi ficcionalmente sobre essa tensão, em Bisa Bia, Bisa Bel. E também precisei de tempo para concluir que eu não era a única vítima desse alto padrão de exigência, pois várias amigas relatavam ter enfrentado rigores semelhantes. Mas, de qualquer modo, era evidente que a culpa de o bordado não ser perfeito não era dos livros. Não havia motivos reais para que a cultura dominante tentasse apresentar o estudo e os trabalhos de agulhas como incompatíveis, a leitura como um obstáculo à feminilidade. A não ser o mecanismo para manter a mulher ignorante – e, portanto, obediente, reclusa, sem iniciativa própria, confinada ao âmbito doméstico. (MACHADO, 2016, p. 94).

Um dos sentidos possíveis produzidos pelo gesto de interpretação da formulação da autora acima é que Bel pode funcionar como seu alter ego. E tanto Bisa Bia, como já dissemos, quanto a Neta Beta, que irá aparecer no decorrer da história, constituem seu interdiscurso, ou seja, a memória de arquivo presente no subconsciente da autora, subsumida na personagem Bel, que tenta conciliar e superar esses conflitos geracionais, enfrentados não só por Ana Maria Machado, mas por toda uma geração de mulheres.

Bloco 3: Imagem de Neta Beta por Bel

- 1 SD 8 – (N): [...] Tem coisas que sempre vão me espantar, eu acho. Por exemplo, a idéia de ter uma
- 2 bisneta, já imaginou? Às vezes a gente fala que quando crescer vai ter isso ou vai ser aquilo, mas nunca
- 3 imagina muito que vai ter uma bisneta cheia de idéias ou que vai ser bisavó. Eu, pelo menos, nunca tinha
- 4 pensado nisso. **Mas agora, que já pensei, tenho mais cuidado, que é para Beta não se envergonhar de**
- 5 **mim, nem ficar chateada com umas coisas minhas muito antigas, como eu me zanguei com a tal**
- 6 **história de Bisa Bia perder meus lenços só para chamar a atenção de um garoto que ainda por cima**
- 7 **nem foi capaz de me defender.** (MACHADO, 2007, p. 67).

Em nosso gesto de interpretação, a personagem Neta Beta apresenta o devir de Bel, portanto, ela se importa com a imagem que terá dela mesma no futuro em relação ao seu comportamento, já que o contexto será outro, e suas atitudes poderão vir a ser consideradas inadequadas ou motivo de vergonha. Portanto, ela enxerga Neta Beta como um sujeito progressista e independente, capaz de refletir e ter relativa autonomia sobre seus sentimentos e atitudes, é o que a Bel busca ser.

Bisa Bia tenta o tempo todo incutir a ideia da fragilização da mulher para ter algo em troca como no grifo da L6.

Recorte 2: construção da identidade feminina

Bloco 1: comportamento feminino em relação aos homens.

- 1 SD 9 – (N): Mas quem vinha chegando era o Sérgio, e para mim ele é uma pessoa muito especial, o
2 garoto mais bonito da classe, o mais divertido, o que tem melhores ideias. Adoro quando ele vem
3 conversar comigo. **Tem horas que eu acho que a gente devia se casar quando crescer**, porque eu tinha
4 vontade de ficar o resto da vida olhando para ele, ouvindo o que ele conta, **fazendo coisas para ele... E**
5 **eu queria muito que ele conhecesse Bisa Bia...** (MACHADO, 2007, p. 16).

Nesta enunciação, Bel, direcionada por seu interdiscurso, associa que gostar de algum menino implica casar-se, mesmo que seja quando crescer (L3). Além disso, deseja fazer coisas para ele (L4), assujeitando-se ao patriarcado, tipo de organização social em que o homem mantém o domínio e autoridade sobre a mulher e a família. Esse discurso da Bel é característico da Formação Social Igreja e remete a um comportamento adotado por muito tempo como natural à mulher. Ao historicizar esse discurso, nota-se que, segundo Perrot (2005) mesmo na Revolução Industrial, quando as mulheres começaram a se inserir no mercado de trabalho, tanto a sociedade quanto intelectuais importantes da época, aderiram:

[...] totalmente ao discurso médico sobre a inferioridade física do sexo frágil, retomando por sua conta toda a sintomatologia desta fraqueza: tamanho, peso, menstruação, caixa craniana... as funções da mulher inscrevem-se em sua conformação: uma vagina para receber, um ventre para carregar, seios para amamentar - como os pedaços dos melões - **marcam seu destino, feito pelo homem e pelo filho. Nenhum lugar além do lar.** (PERROT, 2005, p. 173) (grifo nosso).

Portanto, a ideia de que a mulher deve servir ao homem e, posteriormente se dedicar à maternidade, é um discurso que atravessa a vida das mulheres desde crianças.

Quando Bel inscreve-se nesta formação ideológica, ela retoma o discurso de outras vozes que já disseram isso, porém devido ao esquecimento ideológico, a personagem acredita ser a fonte inicial do seu dizer e, atribui como suas, as vontades que carregam um traço ideológico da sociedade patriarcal. No momento em que o esquecimento acontece, Bel se aproxima de sua bisavó (L5).

- 1 SD 10 – (N): — Sérgio, olha só... Adivinhe de quem é esse retrato...

2 (S): — Não sei, mas é de alguém que eu conheço, deixa eu ver melhor. Ele olhou bem para o retrato e
3 disse, de repente:
4 (S): — Ah, já sei! Claro! Como é que não vi logo? Também, com essa fantasia, você ficou tão diferente...
5 É seu. **Mas com essa roupa de caipira não deu para reconhecer logo.**
6 (N): Desaforo... Chamar de caipira o vestido lindo de Bisa Bia... Eu já ia ficando com raiva quando
7 lembrei que **minha tia diz que homem é assim mesmo, vive ocupado com coisas mais importantes,**
8 **não entende muito de moda, a gente precisa ter muita paciência com eles.** De qualquer jeito, com ou
9 sem a minha raiva, Sérgio ia continuando:
10 (S): — Só que aqui no retrato você estava mais **gordinha**, mais **bochechuda**. Mas é claro que eu ia
11 conhecer...
12 (N): E, vendo que outros meninos da turma vinham chegando, foi dizendo em voz mais alta:
13 (S): — Imagine se eu não ia conhecer em qualquer lugar do mundo **essa sua cara de pastel.**
14 (N): Aí eu fiquei furiosa. O Sérgio é um amor, tem horas que eu quero casar com ele quando crescer, e
15 coisa e tal. **Mas** se tem um troço que me deixa louca de raiva com ele é essa mania de rir de mim quando
16 os amigos estão perto, **esse jeito de fazer de conta que menina é uma pessoa sem importância, de me**
17 **tratar como se eu fosse uma boboca.** Nesse dia, fiquei com tanta raiva que saí correndo atrás dele, com
18 vontade de bater mesmo. (MACHADO, 2007, p. 17).

O diálogo travado de ambas as personagens, seja no discurso direto ou indireto entre a personagem masculina (S) e a feminina é assimétrico do ponto de vista da estrutura. A fala do primeiro materializa-se no discurso direto e a da segunda personagem (Bel) no discurso indireto, por ser ela o narrador da história. O campo discursivo literário permite como possível o diálogo.

A enunciação mostra a oposição que existe entre homem e mulher e é reforçada pelos personagens, mesmo que inconscientemente. Bel lembra que sua tia disse que homens são *assim mesmo* (L7), naturalizando o comportamento masculino, e ao mesmo tempo assujeitando a posição mulher a ser paciente e bondosa em relação aos homens que são assim “naturalmente”.

Sérgio, em sua posição-sujeito menino/homem inscreve seu discurso em diferentes formações discursivas quando está acompanhado de outros meninos (L12), e reflete a imagem que o homem tem do próprio homem como um sujeito racional, independente, superior (dominação) e forte. Essa formação discursiva vem da Família e Escola, que reforçam os estereótipos de cada gênero, atribuindo uma posição social para cada um. Ao ser afetado por seu interdiscurso, Sérgio trata Bel como alguém sem importância, tal qual lhe foi ensinado.

Bel entra em contradição quando diz gostar do Sérgio, mas fica com raiva quando ele faz de conta que menina não tem importância. O “mas” (L15) reforça o argumento posterior e minimiza o que foi dito antes. É essa adversativa que ancora nosso gesto interpretativo de que Bel rejeitaria Sérgio por causa de seu imaginário em relação à mulher.

1 SD 11 – (N): Eu fazia carinho no pelo do cachorro, abraçava o bichão e o Sérgio me olhava com cada
2 olho arregalado... Aí eu disse para ele:
3 (B): — Pronto, vamos indo, devagar. Sem correr. Nada de medo.
4 (N): Num instante estávamos subindo na goiabeira. Lá em cima, depois de devorarmos as primeiras
5 goiabas, Sérgio me olhou de novo e disse:
6 (S): — Puxa, Bel, você é a menina mais corajosa que eu já conheci!
7 (N): Fiquei quieta, o coração batendo forte. Ele continuou:
8 (S): — **E você sobe em árvore feito um menino.**
9 (N): Só ouvi a voz de Bisa Bia:
10 (BB): — Viu só? **Ele acha você parecida com um menino. Homem não gosta disso. Agora ele fica**
11 **pensando que você é um moleque igual a ele e vai levar uma goiaba de presente para aquela**
12 **menininha bem arrumada e penteada que está esperando quieta na calçada... Finge que se**
13 **machuca, sua boba, assim ele te ajuda. Chora um pouco, para ele cuidar de você...**
14 (N): Eu já ia começar mesmo a fingir — e nem era tão fingido, porque pensar na Marcela me dava de
15 verdade um pouco de vontade de chorar —, quando ouvi aquela outra voz, a fraquinha, a mesma que já
16 tinha dito para eu assoviar quando tivesse vontade. Só que agora ela dizia assim:
17 (NB): — **Não finge nada. Se ele não gosta de você do jeito que você é, só pode ser porque ele é um**
18 **bobo e não merece que você goste dele. Fica firme.**
19 (N): Preferi esse conselho. Não estava entendendo nada dessa nova voz, quem seria? Mas fiquei firme.
20 (MACHADO, 2007, p. 43-44).

O recorte acima é constituído da enunciação entre Sérgio e Bel, Sérgio ao formular que Bel sobe na árvore feito um menino (L8), silencia outros dizeres sobre o quê ele acredita ser comportamento adequado para meninos e meninas. Apesar de não estar explícito, Sérgio acredita que as meninas devem ser delicadas assim como a Marcela. Para Orlandi (2009), o sentido também constrói-se por meio da falta e da incompletude.

Novamente o interdiscurso da Bel, na forma de Bisa Bia, retoma as mesmas concepções ideológicas. Bisa Bia diz palavras diferentes, mas que levam Bel para o caminho da submissão e repressão (L de 10 a 13). Esse mecanismo caracteriza a paráfrase, já que se produzem diferentes formulações para o mesmo dizer. Ao mesmo tempo, toda vez que Bisa Bia fala, ela produz novos sentidos, porque, ao retomar dizeres já sedimentados em diferentes épocas, ocorre a transformação e movimentos de sentidos possíveis levando em consideração o contexto atual, a formação discursiva e posição sujeito. (ORLANDI, 2009).

Um interdiscurso, que segue em sentido contrário, invade a memória de Bel na forma de sua Neta Beta, portanto, o conflito entre gerações começa a tomar forma. Neta Beta também faz parte da memória de arquivo de Bel, mas na forma de um sujeito histórico de direito, característico da modernidade e fruto de uma estrutura social que preserva a ideia de autonomia, liberdade individual e não determinação do sujeito.

Nesse impasse, Bel não se assujeita às vontades de Bisa Bia, e endossa a voz da Neta Beta (L17 e 18).

- 1 SD 12 – (N): Até o Sérgio, aquele duas-caras, tão derretido quando está sozinho comigo, tão maria-vai-
2 com-as-outras quando está com os amiguinhos lá dele. Não dava mais para aguentar. Saí correndo pelo
3 pátio afora, para me trancar no banheiro e chorar à vontade. Com montes de papel para assoar o nariz
4 quanto eu quisesse. Lá dentro, entre um soluço e outro, fui ouvindo Bisa Bia:
5 (BB): — **Os rapazes do meu tempo eram muito diferentes, mais cavalheiros...**
6 (N): Entendi que eram mais “cavaleiros” e não sabia o que isso tinha a ver com a situação:
7 (N): — Pra que é que alguém precisava de andar bem a cavalo numa hora dessas, Bisa Bia?
8 (BB): — **Não, eu disse “cavalheiros”, quer dizer, gentis, educados, solícitos com as damas... Se eu**
9 **deixasse cair um lenço perto de um namorado, ele logo pegava e vinha trazer para mim com todo o**
10 **cuidado...** (MACHADO, 2007, p. 51).

Novamente, Sérgio passa a imagem que ele tem do que é ser menino/homem e muda seu comportamento e discurso quando está diante de seus amigos (L1).

Bisa Bia explica que o comportamento masculino da época em que vivia era diferente do que se espera hoje. Antes os homens eram vistos como provedores do lar e responsáveis pela proteção da família. Devido às mudanças sócio-históricas, a identidade tanto da mulher quanto do homem sofreram alterações. Por constituir o interdiscurso de Bel, esse comportamento do qual ela ouvia falar, parece ser o que ela deseja e espera de Sérgio, um menino gentil e protetor, mas os advérbios de intensidade *muito* e *mais* (L5), indicam que Sérgio não tem essas qualidades.

- 1 SD 13 – (N): Aproveitei para perguntar uma coisa que eu sempre quis saber: (B): — **Por que minha avó**
2 **é Almeida e eu sou Miranda?**
3 (M): — **Porque quando sua avó casou, ficou sendo Ferreira, e eu nasci sendo Ferreira. Mas quando**
4 **casei, fiquei sendo Miranda, que é o sobrenome do seu pai.**
5 (B): — **Mas eu quero ter o mesmo sobrenome de você, da vovó e da Bisa Bia.**
6 (M): — **Não pode, filha, cada um de nós ficou com um sobrenome diferente. Mulher quando casa é**
7 **assim.**
8 (B): — **Meu pai, meu avô e meu bisavô, todos têm o mesmo sobrenome?**
9 (M): — **Do lado dele, tem... Porque são homens.**
10 (B): — **Eu não quero.**
11 (M): — **Não quer o quê? Não quer casar?**
12 (B): — **Não quero mudar de sobrenome.**
13 (M): — **Isso você resolve mais adiante, com seu marido.**
14 (N): **Mas eu estava decidida mesmo:**
15 (B): — **Não. Já resolvi. O nome é meu. Desde que nasci. Meu marido ainda nem me conhece. Não**
16 **tem nada com isso.**
17 (N): **Mamãe olhou para mim com atenção e perguntou:**
18 (M): — **E por quê, Bel?**
19 (B): — **Porque eu sou eu, ora.** (MACHADO, 2007, p. 57-58).

As formulações da mãe de Bel inscrevem-se em várias posições-sujeito: oscila entre mulher, amiga, e, sobretudo, mãe. Ela explica o porquê de as mulheres casarem e adotarem o sobrenome do marido. A mãe não parece se atentar ao fato de que esse costume implica diretamente na maneira que a sociedade enxerga as mulheres, uma vez que, quando casam, devem apagar quem elas foram, para se tornar parte da história dos maridos.

A mãe ainda revela um assujeitamento ao sugerir que a Bel deve decidir se vai ter o sobrenome do marido ou não, junto com ele (L13). Isso pode ser interpretado como respeito pela posição-sujeito homem, mesmo que ele ainda nem exista como sujeito psicológico.

Bel, ao formular *eu sou eu* (L19) retoma a posição sujeito de direito, e se coloca ilusoriamente como dona de sua própria história, sem depender da interferência de outros.

Bloco 2: trabalho doméstico e trabalho fora do ambiente familiar.

- 1 SD 14 – (N): Toda essa história de móveis é muito engraçada. **Bisa Bia não conhecia armário**
2 **embutido, já imaginou?** Levou um susto a primeira vez que me viu abrir um, pensou que era uma parede
3 que se mexia, que nem uma passagem secreta ou caverna de Ali Babá. Disse que no tempo dela não tinha
4 nada disso. Também **não tinha televisão, nem sofá-cama, nem liquidificador, nem bancada de pia no**
5 **banheiro, nem almofadão da gente sentar no chão,** nem uma porção de coisas assim. Mas também, ela
6 fala de uns outros móveis bem diferentes, de nomes esquisitos. Na sala, tinha um tal de “**bufê ou etagér**”
7 (nem sei se é assim que se escreve, é tudo nome estrangeiro, mas é assim que ela fala), que também
8 **chamava de aparador** e tinha **uma fruteira de louça em cima**, de dois andares, pratinho maior e
9 pratinho menor, **já imaginou?** Ela contou também que embaixo da fruteira tinha um paninho de renda,
10 porque **tudo que se pusesse em cima de um móvel precisava antes de uma toalhinha de “croché” ou**
11 **paninho de bordado e renda, não consegui entender por quê.** No quarto, a cama dela tinha
12 **mosquiteiro.** Eu pensei que era uma criação particular de mosquito ensinado para zumbir a música que a
13 gente quisesse e morder quem a gente não gostasse, mas aí ela explicou que era justamente o contrário:
14 um pano para não deixar mosquito entrar na cama, ficava pendurado em volta, como uma espécie de
15 cortina, porque naquele tempo não tinha “spray” de matar insetos, desses que anunciam na televisão.
16 [...]
17 Penteadeira eu logo vi para que servia:
18 (B): — Ah, Bisa Bia, isso eu sei, é para olhar no espelho e se pentear, não é?
19 (BB): — E também para se fazer o toucador...
20 (B): — O quê? Toucador? Ajeitar a touca na cabeça?
21 (N): Ela riu e explicou que não. **Era se arrumar, se pintar, se enfeitar, ficar bonitinha, como a minha**
22 **mãe se ajeita no espelho do banheiro.** Aí Bisa Bia explicou que no tempo dela banheiro era muito
23 diferente. A gente lavava o rosto no quarto mesmo, **e sempre tinha uma mesinha ou um móvel com**
24 **uma bacia e um jarro d’água com uma toalha limpinha do lado.** (MACHADO, 2007, p. 30-32).

Bisa Bia e Bel na enunciação do recorte acima, dialogam novamente sobre futilidades, objetos, utensílios e móveis que existiam e existem na época de cada uma. Nesse momento, elas não entram em conflito, mas, ainda assim, as marcas linguísticas

permitem interpretar que há um distanciamento entre as duas. Bel usa os adjetivos *diferentes* e *esquisitos* (L6) para se referir aos móveis do tempo de sua bisavó, e ao citar as móveis atuais, que Bisa Bia nem imagina o que seja, Bel se choca e diz frequentemente, *já imaginou?* (L2 e 9) referindo-se a distância entre sua realidade e a de sua bisavó.

Bisa Bia usa da paráfrase discursiva novamente para retomar suas mesmas ideias, incluindo os estereótipos estabelecidos às mulheres (L21 e 22).

- 1 SD 15 – (BB): — Minha mãe gostava muito de fazer suspiro. Sempre que sobrava clara, dos ovos que só
- 2 gastavam a gema para os outros doces, ela batia as claras bem batidinhas, fazia suspiro e enchia com eles
- 3 uma “bomboniér”.
- 4 (N): Pronto, outra palavra esquisita, é assim que ela fala, diz que é francês, não sei se é assim que se
- 5 escreve.
- 6 (B): — Uma o quê, Bisa Bia?
- 7 (BB): — “Bomboniér”, uma espécie de compoteira, só que em vez de guardar compotas e ser de cristal,
- 8 guardava bombons e balas, e era de opalina verde-clara, tão bonita...
- 9 (B): — E opalina era o quê? Uma espécie de plástico?
- 10 (BB): — Não, minha querida, não existia esse tal de plástico, você já esqueceu? Opalina era uma espécie
- 11 de vidro, quase sem transparência, de cores tão bonitas... Minha mãe tinha algumas belas peças de
- 12 opalina. Tinha um “plafoniê” azul...
- 13 (B): — Isso você já me explicou outro dia, era uma luminária.
- 14 (BB): — Isso mesmo... E tinha também uma licoreira linda, vermelha, com formato de pato, o gargalo era
- 15 o pescoço comprido do pato, a tampa era a cabeça, no formato exato, com bico e tudo. Ficava numa
- 16 bandeja, cercada de uma dúzia de copinhos.
- 17 (B): — E para que servia?
- 18 (BB): — Para guardar licor que ela fazia. Licor de cacau, jenipapina, que é licor de jenipapo, e muitos
- 19 outros. Ficava tudo isso guardado dentro da cristaleira, que era o armário de guardar vidros e cristais.
- 20 (B): — Tudo guardado lá dentro?
- 21 (BB): — É, mas dava para se ver bem, porque a cristaleira era forrada de espelhos e a porta era de vidro, a
- 22 gente via tudo. Mas não pense que era qualquer vidro, não. **Era cristal verdadeiro, “bisotê”...**
- 23 (B): — O quê? Do Bisavô?
- 24 (N): Ela ria:
- 25 (BB): — Não, meu amor, “bisotê” eram os cristais e espelhos trabalhados,
- 26 formando desenhos, hoje em dia não se usa mais, é uma pena...
- 27 (B): — **Ai, Bisa Bia, o pessoal no seu tempo também complicava demais, cada palavra esquisita,**
- 28 **chega! E aposto que precisava de um mundão de gente para lavar isso tudo, e deixar limpo, ainda**
- 29 **mais sem aspirador, detergente, máquina de lavar, tudo isso... Só de pensar na trabalhadeira, já fico**
- 30 **com vontade de sumir! Vamos lancha! (MACHADO, 2007, p. 34-35).**

Novamente as duas interlocutoras falando sobre as futilidades, mas, nessa enunciação, Bel revolta-se e diz que *o pessoal* (L27) do tempo de Bisa Bia era complicado, pois o nome dos móveis eram esquisitos por terem origem francesa, marcando a condição social da família. Além disso, o trabalho doméstico demandava tempo e esforço, sobretudo por não existir eletrodomésticos. Entretanto, ela separa a Bisa Bia desse pessoal do tempo dela. Ao final da enunciação, a forma verbal *chega*

(L28) no imperativo indicia a falta de paciência de Bel para tratar novamente sobre esses assuntos.

- 1 SD 16 – (N): Voltei para casa com mamãe, de carro, conversando. Falamos de várias coisas e eu quis
2 saber como eram os lenços do tempo dela:
3 (M): — Eram de pano, minha filha.
4 (B): — Bordados, rendados, engomados?
5 (N): Ela me olhou meio de banda, mas logo prestou atenção no tráfego outra vez, enquanto respondia:
6 (M): — **Alguns eram, tão bonitinhos... Mas dava muito trabalho para lavar, passar e engomar.**
7 **Outros eram estampadinhos. Mas assim que começaram a aparecer os lenços de papel, eu logo**
8 **aderi, achei a coisa mais prática do mundo. Uma das coisas mais desagradáveis em matéria de**
9 **trabalho doméstico sempre foi lavar lenço de resfriado. Acho que no nosso tempo a gente deve**
10 **sempre procurar as coisas mais simples, que permitam economizar nosso esforço, para podermos**
11 **fazer outras coisas. Esses lenços de que você fala eram lindos, mas eram típicos de uma época em**
12 **que as pessoas tinham uma porção de empregadas a seu serviço.**
13 (N): Pensou mais um pouco e acrescentou:
14 (M): — **Acho que também eram um sintoma de um tempo em que as mulheres geralmente não**
15 **trabalhavam fora e ficavam inventando trabalho dentro de casa para se sentirem úteis. Já**
16 **imaginou que tristeza devia ser passar os dias esperando o marido e os filhos chegarem? Um monte**
17 **de empregadas e só um trabalho pouco criativo na casa?**
18 (N): Não entendi bem:
19 (B): — **Você acha que trabalho de dona-de-casa é só inventado, mãe? Não é útil?**
20 (M): — Não é isso que eu quis dizer. Acho que me expliquei mal. O que **eu acho** é que é um trabalho
21 **que não transforma o mundo, não melhora as coisas, é só manter como estava, lavar para ficar**
22 **limpo e depois sujar, cozinhar para comer e depois ter mais fome, sei lá... Claro que educar filho é**
23 **trabalho que transforma o mundo, mas isso é coisa que pai também faz, e mãe que trabalha fora**
24 **também...**
25 (N): Fiquei pensando no que ela ia dizendo. Acho que durante alguns minutos não dissemos nada.
26 (MACHADO, 2007, p. 55-57).

A mãe de Bel inscreve-se no texto por meio das marcas *eu acho* (L9, 14 e 20) para apresentar sua opinião sobre o trabalho doméstico feminino. A ideia de que o trabalho de casa pertence a identidade feminina é fruto de várias vozes que reforçaram isso ao longo da história da humanidade. Porém, existe um jogo de poder ao dizer que o trabalho feminino doméstico só era realizado porque existia uma porção de empregadas. Quem são essas pessoas que tinham ao seu dispor empregadas? (L11 e 12). A luta de classes faz-se presente neste recorte. Ao revisar a história, podemos notar que, de acordo com Nogueira (2015), a ideia de que a mulher ocupava-se dos serviços domésticos enquanto o homem era o provedor da família era um sonho idealizado pelos americanos da classe média. Porém, as meninas das classes menos privilegiadas começavam a trabalhar desde cedo. Portanto,

é notável o esforço para se passar a ideia de que o trabalho feminino é uma novidade. O fato é que elas sempre trabalharam, apenas não eram valorizadas, estavam invisíveis. Ou seu trabalho era considerado uma extensão do doméstico, ou ainda um dom que poderia ser apropriado pelo patriarca da família, ou um complemento e, portanto, extensão do trabalho do “homem da casa”. (NOGUEIRA, 2015, p. 87) (grifos da autora).

A mãe de Bel acredita que hoje deve-se optar pelas coisas mais simples (L9 e 10), para que se tenha tempo para realizar outras atividades, como trabalhar. Esse discurso também tem um viés ideológico, uma vez que, para que as mulheres pudessem começar a trabalhar, foi necessário enfrentar diversos obstáculos. Rago (1997, p. 581-582) disserta sobre isso:

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como naturalmente masculino. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um bom partido para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões.

Nesse sentido, para Perrot (2005, p. 503), “as mulheres souberam apoderar-se dos espaços que lhes eram deixados ou confiados para alargar a sua influência até às portas do poder”. E assim, por meio dessa trajetória de luta, foi possível que mulheres como a mãe de Bel, pudessem desempenhar o papel da maternidade e do trabalho, cabendo-lhes a função de superar as dificuldades das multiplicidades desses papéis.

- 1 SD 17 – (N): Minha mãe é arquiteta e anda metida no concurso de um projeto para um hospital novo.
2 **Passa o tempo todo** na prancheta com dois colegas, desenhando, passando a limpo, calculando, às vezes
3 com aquela régua T (régua de arquiteto, sabe? não é monograma de ninguém), e um papel transparente
4 que se chama vegetal, mas não nasce em árvore nem dá flor. **Só sei que, enquanto não acabar esse tal**
5 **projeto para esse tal concurso, essa tal minha mãe anda muito sem tempo para tudo.** (MACHADO,
6 2007, p. 58).

As formas “todo” (L2), funcionando como adjetivo, e “tudo” (L5), como pronome indefinido, na formulação de Bel, intensificam a ausência da mãe por conta do trabalho fora de casa.

Os recortes discursivos não dão pistas sobre a presença do pai no ambiente familiar. Por quê? Para Orlandi (2009), os silêncios significam mais do que a própria materialidade, assim, para esta análise, observaremos o contexto de produção da obra. Esse período, no Brasil, foi marcado pelo declínio do regime militar resultando anos mais tarde, no processo de redemocratização e abertura política do país, determinando,

portanto, uma fase de evidentes mudanças. Segundo Moraes (2001), as mulheres sofriam de uma repressão impiedosa sob os fundamentos conservadores do catolicismo, como a condenação do sexo, portanto, só saíam de casa para casar. Elas zelavam por sua reputação, pois poucos homens assumiam a paternidade dos filhos, deixando as mulheres estigmatizadas. Nesse cenário decadente, por meio de muita luta, é criada a *Lei nº 6.515*⁴, que regula os casos de separação conjugal e seus efeitos e processos, uma dentre tantas outras reivindicações feministas da época. Nesse mesmo sentido, a ausência do pai pode representar o fim da autoridade exercida pelo homem, ou seja, fim do patriarcado.

Este pode ser um sentido possível para que Ana Maria Machado, influenciada pelo contexto de produção, não tenha colocado o pai de Bel na história.

⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6515.htm>. Acesso em: 14. Set. 2018.

Bloco 3: confrontos entre gerações

SD 18 – (N): Corre-que-corre, pula-que-pula, foge-que-foge, o cartão da moldura do retrato toda hora machucava minha barriga. Era como se Bisa Bia ficasse de vez em quando me dando umas cutucadas para dizer alguma coisa. E o que ela dizia e, aos poucos, eu ia aprendendo a entender, era mais ou menos assim:

(BB): — Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem-comportada.

(N): Na animação da brincadeira eu não estava mesmo nem um pouco disposta a parar de me divertir para ficar dando explicação a Bisa Bia. Se ela me cutucava, eu podia também dar umas cutucadas nela, pra ela aprender. E bem que dei:

(B): — Sossega, Bisa Bia!

(N): Tanto cutuquei que ela acabou ficando quietinha, bem sossegada. Bem como ela achava que devia ser uma mocinha bonita. E eu pude então curtir minha brincadeira em paz, quanto eu quis. Ela ficou tão bem-comportada que eu até esqueci dela. Quando cansamos de brincar, fomos até a padaria tomar um sorvete, todo mundo animado, conversando, e eu nem me lembrei de oferecer a ela também... Se tivesse oferecido, na certa ela ia gostar, na hora eu nem sabia se no tempo dela tinha disso. Mais tarde fiquei sabendo que só tinha geladeira de madeira e era preciso comprar barra de gelo e botar dentro, e que Bisa Bia só gostava de sorvete se fosse de fruta, e feito em casa, que ela sempre acha que essas coisas que a gente come na rua – ela não fala “comer na rua”, fala “se encher de bobagem por aí” – são feitas sem higiene e acabam fazendo mal. (MACHADO, 2007, p. 23-25).

Neste recorte, de Bisa Bia há a presença de modalizações apreciativas, como *não gosto* (L5) e *acho muito melhor* (L6) as quais inscrevem o sujeito na língua e, por conseguinte, atravessa-o pela ideologia que constituem não só o discurso da personagem, mas também a constituem como sujeito.

A formulação *quanto eu quis* (L13) indica que a personagem posiciona-se como sujeito de direito, com relativa autonomia e liberdade decidir.

Bel, ao dizer que Bisa Bia ficou tão quietinha, que até esqueceu-se dela (L14), pode ser interpretado como um deslocamento de FD de Bel para uma identificação com a FD de Bisa Bia que defende o comportamento feminino quieto considerado adequado, uma vez que, historicamente, a mulher deve-se manter o mais discreta possível, configurando um bom comportamento. Isto pode ser interpretado como o apagamento da mulher na sociedade.

Por muitos anos, as mulheres vêm sendo submissas e menosprezadas em relação ao homem, apesar disso, elas são silenciadas e culturalmente ensinadas a não reclamar, devido à naturalização dessas posições sociais. Novamente, cruzando a língua com a história, trazemos à memória o acontecimento da Revolução Industrial, já que, embora houvesse razões suficientes para se revoltar, devido às diversas opressões sofridas no ambiente de trabalho, a participação das operárias nas greves e reivindicações

representava apenas um total de 5,9% de coalizões. O posicionamento conservador da sociedade da época, assim como atualmente, é um fator determinante no silenciamento das mulheres diante de situações injustas.

- 1 SD 19 – (N): [...] Mas, um dia, eu estava com dor de garganta, no começo de uma gripe que depois virou
2 uma tragédia. Em vez de cantar, assoviei. Aí, bem, foi outro deus-nos-acuda! Sabe o que foi que Bisa Bia
3 disse? Foi isto:
4 (BB): — **Meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca têm bom fim...**
5 (B): — Pois fique sabendo, Bisa Bia, que **toda galinha que eu já vi é galinha que canta.**
6 (BB): — **Pois fique sabendo, Isabel, que todas elas acabaram na panela. É ou não é?**
7 (N): Provavelmente, é. Tive que concordar. **Mas acho que, mesmo que não cantassem, iam acabar na**
8 **panela. Ela acha que não, porque então ninguém ia saber que havia galinha solta ali por perto.** Por
9 perto de onde? Por perto da casa... Só que hoje em dia a gente mora em apartamento e galinha já é criada
10 mesmo em granja, para acabar na panela... Pronto! **Fui começando a discutir e de repente percebi que**
11 **Bisa Bia já tinha me enrolado de novo, ela é uma danadinha.** Quer dizer, **conseguiu o que queria: eu**
12 **tinha parado de assoviar e estava prestando atenção na conversa dela. Então, já que era assim, pelo**
13 **menos podíamos conversar sobre o assovio:**
14 (B): — **E que mal tem assoviar? — desafiei.**
15 (BB): — Não tem mal nenhum, meu bem.
16 (B): — Você não disse que assovio acaba mal? — insisti.
17 (BB): — Eu não disse isso. Você não entendeu bem.
18 (N): **E, sempre muito calma, Bisa Bia completou:**
19 (BB): — **O que é muito feio não é o assovio. É uma menina assoviando, uma mocinha que não sabe**
20 **se comportar e fica com esses modos de moleque de rua.**
21 (N): Pronto! Pra que é que ela foi dizer isso? Bem nesse momento, parecia que tinha uma voz dentro de
22 mim, bem fraquinha, mas bem nítida, me dizendo assim:
23 (NB): — **Faça o que você bem entender! Não deixe ninguém mandar em você desse jeito.**
24 (N): **Era justamente o que eu queria ouvir. Aí nem hesitei. Xinguei um palavrão bem xingado (nem**
25 **era dos piores, mas é que qualquer palavrinho pode ser um horror para os delicados ouvidos de**
26 **Bisa Bia) e saí pela rua assoviando, vestida na minha calça desbotada, calçada nos meus tênis,**
27 **chutando o que encontrava pela frente. Bem moleca mesmo. (MACHADO, 2007, p. 38-39).**

A forma “nunca” (L4) na formulação de Bisa Bia é mais uma marca dupla: de negação e de universalização. De negação porque determina a impossibilidade de meninas que cantam e assoviam não tem “bom fim” já que sempre acabam indo “na panela”, no nosso gesto de interpretação essa expressão representa as mulheres mortas, excluídas, silenciadas, apagadas, esquecidas, invisíveis, desmoralizadas e humilhadas pela sociedade. Para Bisa Bia ter um “bom fim” significa ceder às pressões exercidas pelo patriarcado, isto é: casar, ter filhos e ser submissa aos homens. Portanto, ir para a panela (L6), tem sentido de sofrer as retaliações por não seguir a ideologia dominante.

É marca de universalização na medida em que generaliza para reprimir um tipo de comportamento que não considera adequado a uma menina, retomando novamente a concepção de como uma menina/mulher deve se comportar. Bel não se sujeita as ideias de Bisa Bia e rebate suas críticas. Essas marcas linguísticas permitem o gesto de

interpretar que a galinha é uma metáfora ao papel da mulher na sociedade, já que quanto mais quietas mais passam despercebidas, impedindo, assim, um papel de destaque que suscitaria críticas e consequências negativas para elas.

As críticas e sátiras destinadas as mulheres quando fogem do papel de delicadas e submissas têm uma longa trajetória na sociedade. Ainda na Revolução Industrial, quando algumas mulheres não deixavam ser silenciadas e lutavam pela conquista de direitos, elas não eram levadas a sério. Segundo Perrot (2005, p. 160),

As greves femininas se chocam com a incompreensão de uma sociedade para a qual a feminilidade já é dificilmente compatível com a situação operária, e é ainda menos com a situação de grevista. Os policiais insultam as operárias. A imprensa burguesa as caricatura, insistindo sobre seu aspecto pitoresco, sempre no limite da obscenidade. Zombam das espartilheiras – “a greve da roupa de baixo –, das garçonetes dos Bouillons Duval que recusam “pagar os pratos quebrados”; [...]. Aquelas “pobres cabeças loucas”, “vítimas”, “perdidas”, aparecem como incapazes de agir por sua própria iniciativa.

Neta Beta, integrante da parte progressista do interdiscurso de Bel, consciente ou não, não deixa que ela se sujeite a repressão imposta por sua bisavó (L23). Assim, Bel decide seguir o conselho de sua bisneta e fazer o que quer, como sujeito de direito invadido pela formação discursiva jurídica e política.

- 1 SD 20 – (MA): — Eu não posso — explicou Marcela. — Mamãe disse para eu não me sujar, que ia
- 2 estragar minha roupa toda. **E eu nem sei fazer essas coisas de moleque...**
- 3 (N): **Dentro de mim, a voz de Bisa Bia recomçava, fazendo coro com Marcela, lembrando um**
- 4 **monte de coisas que não ficam bem para uma mocinha, etcétera e tal. O jeito era assoviar bem alto,**
- 5 **enquanto calculava a altura do muro.** (MACHADO, 2007, p. 41).

Marcela identifica-se com a formação discursiva e ideológica de Bisa Bia. Sua posição-sujeito de filha e menina, e o interdiscurso, possivelmente reforçado dentro da família, faz com que ela repita mnemônica e parafrasticamente aquilo que já foi dito em outros momentos e espaços. Ao invés de se deslocar como sujeito, se deixa levar pelos lugares e dizeres já estabelecidos em seu imaginário, portanto, só repete, definições sobre o comportamento de meninas de meninos, sem qualquer reflexão (L2).

- 1 SD 21 – (N): Nem é preciso contar que fiquei na maior felicidade com essa descoberta do Sérgio. Mas
- 2 vou contar sim, porque não aguento guardar esse segredo. De qualquer jeito, não é tão segredo assim,

3 porque Bisa Bia também sabe, é claro. **E também é claro que ela logo veio com um monte de**
4 **conselhos:**
5 (BB): — **Menina de sua idade não devia estar pensando em namoros, isso não fica bem. Menina de**
6 **sua idade deve é brincar de roda, fazer comidinha, pular amarelinha, costurar roupa de boneca...**
7 (B): — **Ué, mas você não vive dizendo que eu sou uma mocinha?**
8 (BB): — **É só modo de dizer...**
9 (B): — E no seu tempo as mocinhas casavam com quantos anos, Bisa Bia?
10 (BB): — Ah, não sei, não lembro, esqueci...
11 (N): Ela é assim. Quando não quer lembrar, diz que não lembra. Mas eu não sou nada esquecida. E disse:
12 (B): — Outro dia você falou que, às vezes, era com treze anos. **Então já está na hora de eu começar a**
13 **pensar em namorar, estou muito atrasada...**
14 (BB): — **Isso era antigamente. E naquele tempo a gente não namorava.**
15 (B): — **Não namorava? E casava?**
16 (BB): — **Isso mesmo. Casava com quem os pais resolviam.**
17 (N): Até pensei que ela estava brincando comigo. Mas ela falava bem a sério e até ia continuando:
18 (BB): — **Mesmo hoje em dia, é muito importante que as famílias estejam de acordo com um**
19 **casamento.**
20 (N): Ouvi a tal vizinha fraquinha me dizendo qualquer coisa lá dentro, mas era tão baixo que nem
21 consegui descobrir o que era. Respondi sem palpite mesmo:
22 (NB): — Olha, Bisa Bia, quer saber de uma coisa? Isso tudo foi muito antigamente. Hoje em dia, é
23 justamente o contrário. **Menina do meu tamanho não casa, não. Mas namora, se quiser, sabe?**
24 **Namoro de menina, que é diferente de namoro de mulher maior, mas é namoro, sim. E, na hora de**
25 **casar, não são mais os pais que resolvem. É a gente mesma. Estamos inventando um jeito novo pra**
26 **essas coisas, sabe?** (MACHADO, 2007, p. 47-48).

A forma linguística *é claro* (L3) confirma que tudo que a Bel faz tem que passar pela aprovação e/ou conselhos da Bisa Bia.

Nessa enunciação, existe uma contradição não só na fala de Bisa Bia, mas na sociedade em geral (L5/6). Historicamente, espera-se que as mulheres se casem e tenham filhos o mais cedo possível de sua existência, caso contrário serão deixadas para trás, uma vez que a velhice não cai bem à mulher. Ao mesmo tempo, a mulher sofre repressão moral e sexual desde criança. Como se deve lidar com isso? Bel expõe essa dualidade na linha 24 (namoro de menina e namoro de mulher). O traço que marca a definição do que é menina e mulher é muito tênue, e definida pela pelo tempo/espço da sociedade.

Nesse momento, Bisa Bel parece reconhecer que são de gerações diferentes “isso era antigamente” – , pois isso favorece sua argumentação. Ela também suprime uma resposta ao dizer “ah, não sei, não lembro, esqueci...” (L10) – pois a imagem que ela tem da Bel faz com que ela antecipe os argumentos da menina que estariam contra ela, portanto, escolhe inconscientemente pelo silêncio.

O outro extremo do interdiscurso de Bel (Neta Beta), reverbera, em sua memória, outros discursos e, nesse momento, pode-se observar o esquecimento ideológico, pois Bel diz não saber exatamente o que ela quis dizer, mas responde com

um palpite, como se acreditasse que seus dizeres tiveram origem nela mesma (L20). Um efeito de sentido possível, é de que o interdiscurso progressista na enunciação de Neta Beta esta tomando cada vez mais espaço na memória discursiva de Bel, empoderando a menina para tomar as decisões com mais autonomia. Por fim, na L25/26 pode-se interpretar que a libertação feminina reclama novos sentidos.

- 1 SD 22 – (N): Comecei a desconfiar do que poderia ter acontecido com meus lenços sumidos:
 2 (B): — Bisa Bia, você andou querendo me ajudar, foi? Dessa vez ela ficou bem silenciosa, como se nem
 3 tivesse ouvido minha pergunta. Tive que insistir e esperar um tempão até que ela comentasse, como quem
 4 não quer nada:
 5 (BB): — **Também, usar papel como se fosse lenço, não pode dar certo. Meus lenços eram de linho**
 6 **ou cambraia, engomadinhos, e tinham rendas e bordados.**
 7 (N): Insisti, furiosa:
 8 (B): — Não desconversa, Bisa Bia. Podiam **ser mais bonitos, mas os de papel são mais higiênicos.** E
 9 não é isso o que me interessa. Só estou querendo saber se foi você que deixou cair meus lenços.
 10 (N): Ela confessou, toda triste:
 11 (BB): — Fui eu, sim, minha querida, com a melhor das intenções. Eu não podia imaginar que fosse
 12 acontecer uma coisa dessas. No meu tempo...
 13 (N): Aí estourei:
 14 (B): — **Não me interessa o seu tempo! Quando é que você vai entender que hoje em dia tudo é**
 15 **muito diferente? Eu sou eu, vivo no meu tempo, e quero fazer tudo o que tenho vontade, viver**
 16 **minha vida, sacou, Bisa Bia? Eu sou eu, ouviu?**
 17 (N): Só que tinha ficado tão furiosa, de verdade, que nem lembrei que toda conversa com Bisa Bia tinha
 18 que ser muda, conversa só falada para dentro, que era para ninguém mais ouvir. Se não, iam pensar que
 19 eu tinha ficado maluca. Como eu tinha esquecido disso, estava aos berros no banheiro, gritando:
 20 (B): — Eu sou eu! Eu sou eu! (MACHADO, 2007, p. 52-53).

O contexto da conversa entre os interlocutores nessa enunciação não é favorável a Bel, que está passando por dificuldades na escola por estar gripada. Bisa Bia tenta amenizar a situação com sua benevolência, implícitos nas expressões linguísticas que usa ao se referir à Bel e às suas atitudes, como: “*minha querida*” – “*com a melhor das intenções*”(L11). – Porém, Bel está em um conflito interno, por perceber que ambas pertencem a diferentes gerações, e se inscrevem em diferentes formações discursivas e, consequentemente diferentes formações ideológicas.

- 1 SD 23 – (BB): — **Meu benzinho, não fique aborrecida com sua bisavó porque eu deixei cair seus**
 2 **lenços na escola. Minha intenção era a melhor possível. Eu só queria ajudar... Queria que o Sérgio**
 3 **apanhasse o lenço do chão e viesse lhe entregar, começasse a conversar com você, que você pudesse**
 4 **sorrir para ele, tudo isso...**
 5 (N): Continuei sem dizer nada. Mas aí ouvi bem mais forte aquela outra voz que de vez em quando me
 6 falava. E, desta vez, prestei bastante atenção:
 7 (NB): — **Bisa Bia, a senhora me desculpe, mas não é nada disso. Bel não precisa fingir para ele.**
 8 **Aliás, ninguém tem nada que fingir para ninguém. Se ela estiver com vontade de falar com alguém,**
 9 **vai lá, ou telefona, e fala. Pronto. É tudo tão simples, para que complicar?**
 10 (B): — **Isso mesmo — concordei, animada.**
 11 (N): A voz continuou, agora falando comigo:

12 (NB): — E você aí, deixe de ser boba, perdendo seu tempo, espetando agulha num pano, só para
 13 agradar um bobalhão que ri de você, só para bancar a menininha fina. Para que fingir? Tem horas
 14 que não dá mesmo para fingir. Largue isso e vá fazer alguma coisa útil.
 15 (N): Foi a vez de me chatear com ela:
 16 (B): — Não se meta onde não é chamada. Nem sei quem você é, e fica aí dando palpite na minha
 17 vida. Pois fique sabendo que não estou perdendo tempo nenhum, estou descobrindo que gosto
 18 muito de bordar, como gosto de patinar, de ler, de dançar, de ver televisão, de ir à praia, de brincar
 19 na calçada, de fazer um monte de coisas... E não estou fazendo isso para agradar a ninguém. Só a
 20 mim mesmo.
 21 (N): Pensei mais um pouco e acrescentei:
 22 (B): — Também não tenho muita certeza se o Sérgio é um bobalhão. Às vezes, acho que bobalhona
 23 sou eu, que gosto dele. Às vezes, acho que nós dois somos mesmo um pouco bobos. Todos dois. E,
 24 outras vezes, acho que nenhum dos dois é bobo, é só um jeito de ser, ainda não tenho certeza de
 25 nada. E tem mais: não quero saber de gente que se mete na vida dos outros sem dizer quem é. Afinal, que
 26 é que você quer? (MACHADO, 2007, p. 59-62).

Este recorte é a unidade discursiva que contém o choque entre as três gerações. Dois interdiscursos que fazem parte da memória de arquivo de Bel, e ela mesma tentando conciliar inconscientemente essas vozes como que a constituir sua própria identidade. Ambas apresentam-se impondo a maneira adequada de Bel se posicionar frente à vida. Bisa Bia continua usando de sua “doçura” e “delicadeza” em seus discursos com as formas linguísticas *meu benzinho* (L1) e *sua bisavó* (L1), para tentar que Bel ceda a sua ideologia que vê como natural comportamentos femininos construídos historicamente. Neta Beta tem uma atitude mais agressiva, que pode ser notada pelas marcas linguísticas do seu discurso, como *deixa de ser boba* (L12) e *agradar um bobalhão* (L13) desqualificando comportamento de Bel e também o de Sérgio.

Bel não identifica, de ponto, a nenhuma das duas formações discursivas, mas, ao mesmo tempo, parece diminuir as atitudes negativas do Sérgio em relação a ela dizendo não ter muita certeza sobre ele ser um bobalhão, atribuindo a ela mesma a culpa por essa situação (L de 22 a 25). Este é um comportamento típico da sociedade que inocenta o homem de suas atitudes, justificando que a mulher tem culpa maior nos relacionamento (amorosos ou não) por ter provocado alguma coisa, ou por esperar demais do homem.

1 SD 24 – (N): Essa é uma coisa, por exemplo, em que Neta Beta tem toda a razão. Impossível saber
 2 sempre qual o palpite melhor. Mesmo quando eu acho que minha bisneta é que está certa, às vezes meu
 3 coração ainda quer-porque-quer fazer as coisas que minha bisavó palpita, cutum-cutum-cutum, com ele...
 4 Mas também tem horas em que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa
 5 Bia, e que nesse caso todos vão ficar tão contentes com o meu bom comportamento de mocinha,
 6 tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo, mesmo

7 sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender. Mas eu já estou me
8 entendendo um pouco — e às vezes isto me basta. (MACHADO, 2007, p. 64-65).

Bel acredita que Neta Beta tem “toda” (L1) razão em alguns de seus conselhos, e, mesmo acreditando mais nesse discurso, ela é dominada pela formação ideológica da sua bisavó e se assujeita ao que a sociedade, estruturada de maneira patriarcal, espera dela (L2/3). Esse sujeito contraditório representa não só a Bel, como também, por contiguidade, as mulheres da modernidade que vivem essa dualidade de ter uma relativa autonomia e liberdade, mas ainda precisam se assujeitar diante de situações que exigem o seguimento de regras institucionais, muitas vezes, pré-estabelecidas para favorecer um determinado grupo de pessoas.

1 SD 25 – (N): Mas também tem outra coisa: quando eu começo a ficar muito moderna, muito
2 decidida, a me sentir muito forte e muito capaz de enfrentar tudo, às vezes me dá uma "recaída de
3 bisavó", como Neta Beta chama. Quer dizer, quero denegar, descobro que sou fraca numa coisa,
4 tenho vontade de pedir colo e procurar alguém que me ajude, passe a mão na minha cabeça e tome
5 conta de mim um pouquinho. Não dá para ser mulher-maravilha. (MACHADO, 2007, p. 67-68).

O advérbio de intensidade *muito*, usado repetidas vezes, na L1 e 2, reforça a ideia de, mesmo com uma relativa independência e liberdade, Bel sente que, às vezes, precisa de ajuda para resolver seus conflitos, reforçando a contradição do sujeito de direito. Existe um conflito entre a crença já estabelecida e a nova que ainda deve ser constituída.

1 SD 26 – (N): Mas ninguém estava nem lembrando da história do lenço perdido e do nariz escorrendo. O
2 assunto geral eram os novos alunos, um casal de gêmeos, que tinham voltado ao Brasil depois de terem
3 morado um tempão em uma porção de países, Chile, Itália, Alemanha, sei lá mais onde. Só se falava
4 neles:
5 (A): — **Você vai ver só, Bel, como eles são diferentes...**
6 (B): — Mas afinal, Adriana, eles são chilenos ou italianos?
7 (A): — **São brasileiros. Os pais deles eram exilados, mas são brasileiros. E agora voltaram.**
8 (B): — E como é que eles são diferentes? Sempre ouvi dizer que gêmeos são iguais...
9 (A): — Não, eles até que se parecem um com o outro. Um pouco só, mas parecem. Como dois irmãos que
10 não fossem gêmeos. **Mas eles são diferentes é de nós.** Pra começar, falam um pouco engraçado, com um
11 pouco de sotaque, mas só um pouquinho. E às vezes misturam umas palavras estrangeiras na conversa.
12 (B): — E que mais?
13 (A): — **Que mais? Eles não têm empregada, porque a família mesmo é que faz tudo, eles preferem**
14 **assim, já imaginou?**
15 (B): Difícil imaginar, num primeiro momento. **Claro, a gente sabe que tem gente que não tem**
16 **empregada porque não pode. Mas porque prefere?** Aí ouvi a voz de Neta Beta:
17 (NB): — **Grande coisa! Um espanto é essa gente que não sabe fazer nada sem empregada... Deus me**
18 **livre de ser patroa de alguém... Esse tempo já ficou muito pra trás...**
19 (N): Mas como Adriana não ouviu, continuou:
20 (A): — **A mãe e o pai trabalham fora, e os gêmeos preparam o almoço deles sozinhos, fazem a**
21 **cama, tudo isso...**
22 (B): — A gêmea, você deve estar querendo dizer... Como é que ela se chama?

23 (A): — Maria, e ele é Vítor. Mas são os dois mesmo que fazem. **O Vítor sabe cozinhar, Bel. E Maria**
 24 **sabe consertar tomada.** Aliás, ela sabe consertar um monte de coisas. Outro dia até trocou a corrente da
 25 bicicleta do Fernando, se eu não visse não acreditava. Todo mundo está adorando os dois, são uns
 26 amigos...
 27 (N): Neta Beta ainda disse:
 28 (NB): — **Grande coisa! Eu também sei consertar mil coisas, tenho banca de carpinteiro, adoro**
 29 **mecânica...** (MACHADO, 2007, p. 68-69).

A narrativa traz a ideologia e vivência de Ana Maria Machado para o campo literário. O acontecimento histórico que permite esse gesto de interpretação é o fato de que a autora foi presa no período da ditadura militar e partiu para o exílio, assim como os pais dos alunos que acabaram de chegar à escola com uma nova perspectiva de mundo (L5).

Em sua passagem pela Europa, trabalhou como jornalista na *Revista Elle*, em Paris, no *Serviço Brasileiro da BBC*, de Londres, e terminou sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia, sobre a obra de Guimarães Rosa, orientada por Roland Barthes⁵, que resultou no seu livro *Recado do Nome* (1976). Em seu livro denominado *Ponto de fuga: conversas sobre livros*, a autora destaca sua relação com o orientador e o surgimento da ideia de associar a tecelagem com a escrita e com a feminilidade:

Lembro perfeitamente de termos conversado muito sobre a linguagem pouco acadêmica que eu insistia em usar no meu trabalho, completamente fora do jargão profissional que sempre se espera numa tese. Com seu rigor crítico característico, Barthes observou o uso de metáforas culinárias em meu trabalho (eu falava em camadas de significado como mil-folhas ou em um texto feito de níveis distintos em torno de um eixo inexistente, como uma cebola). Mencionou que isso era muito interessante, porque várias das palavras que se usam para designar o texto e a escrita derivam de outro conjunto de atividades tradicionalmente femininas, a fiação e a tecelagem – que haviam chamado sua atenção nos últimos tempos, por ele ter se ocupado especialmente da moda como sistema de significação. Deu como exemplo a própria palavra texto (variante de tecido). Comentei com ele que, realmente, em português, ao tratarmos da narrativa, falamos em trama, em enredo, em fio da meada... Dizemos que “quem conta um conto aumenta um ponto”. E temos as palavras novelo e novela. (MACHADO, 2016, p. 88) (grifo da autora).

Uma interpretação possível é que Ana Maria Machado, além de trazer a metáfora sobre fiação e escrita de seu orientador, também trouxe, em sua bagagem, uma nova visão de mundo, devido ao novo contexto sócio-histórico e cultural em que viveu por alguns anos. Isso pode ser expresso na formulação de “Eles não têm empregada, porque a família mesmo é que faz tudo, eles preferem assim, já imaginou?”.

⁵ Roland Barthes (1915-1980) foi um escritor, sociólogo, semiólogo e filósofo francês.

No Brasil, mantêm-se, ainda hoje, o vínculo com os ideais escravocratas, que resultam no subjugamento dos grupos mais fragilizados da sociedade. Essa relação hierarquizada faz-se presente mesmo na ausência do dito, ocasionando relações de força e poder, que podem ser observadas nas linhas 15 e 16.

1 SD 27 – (N): E então eu soube, eu descobri. Assim de repente. Descobri que nada é de repente. Dessa
2 vez, a pesquisa do colégio não é só em livros nem fora de mim. É também na minha vida mesmo, dentro
3 de mim. Nos meus segredos, nos meus mistérios, nas minhas encruzilhadas escondidas, Bisa Bia
4 discutindo com Neta Beta e eu no meio, pra lá e pra cá. **Jeitos diferentes de meninos e meninas se**
5 **comportarem, sempre mudando. Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes**
6 **dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando,**
7 **inventando moda. É que eu também sou inventora, inventando todo dia um jeito novo de viver. Eu,**
8 **Bel, uma trança de gente, igualzinho a quando faço uma trança no meu cabelo, divido em três**
9 **partes e vou cruzando uma com as outras, a parte de mim mesma, a parte de Bisa Bia, a parte de**
10 **Neta Beta. E Neta Beta vai fazer o mesmo comigo, a Bisa Bel dela, e com alguma bisneta que não dá**
11 **nem para eu sonhar direito. E sempre assim. Cada vez melhor. Para cada um e para todo mundo.**
12 **Trança de gente. Foi só por isso que eu resolvi contar o segredo que ninguém desconfia, sabe? Contar**
13 **que Bisa Bia mora comigo. Mas quando eu me animo, não consigo parar, e acabei contando tudo.**
14 **Até Neta Beta entrou na dança. E nós três juntas somos invencíveis, de trança em trança.**
15 (MACHADO, 2007, p. 77).

Este recorte discursivo amarra as vozes do interdiscurso presentes no subconsciente de Bel que, por sua vez, compreende as diferenças decorrentes do contexto sócio-histórico e cultural entre as gerações femininas. Ana Maria Machado reflete sobre esta situação entrelaçando a história e a vida de cada uma das mulheres. Assim,

personagens de ficção ou mulheres reais, desde as mais remotas épocas, de mãe para filha e de avó para neta, vieram nos bastidores tecendo seus fios, emendando carreiras, dando pontos e fazendo nós numa espécie de grande texto coletivo: o tecido da História composto pelas linhas entremeadas das histórias. (MACHADO, 2016, p. 107)

Ana Maria Machado tenta conciliar no campo literário discursos contraditórios advindos de formações sociais antagônicas. As sequências discursivas permitem dizer que os discursos da Bisa Bia, Bel e Neta Beta são marcados pelas lutas de posições, ocasionando os embates. O funcionamento discursivo da Bisa Bia tem caráter repressor e autoritário e se inscreve na formação ideológica Igreja e Família. Embora seu discurso pareça ser afetivo e cuidadoso, Bisa Bia usa da autoridade, repressão e superioridade para fazer com que Bel se assujeite a ideologia dominante e patriarcal. O discurso da Bisa Bia tem significado de negação e imposição em relação a Bel. A negação vem da rejeição do comportamento de Bel e com a imposição Bisa Bia tenta depreciar a vivência da bisneta para sobrepôr a sua.

A Neta Beta tem um discurso progressista e lúdico que vem das instituições políticas pela luta pelos direitos. O discurso da Neta Beta, apesar de ser pouco aparente, tem relação de sustentação ao discurso de Bel, pois ao ter incertezas em relação ao seu

comportamento, Bel procura no discurso de sua bisneta uma justificativa para suas escolhas.

A personagem Bel age como conciliadora no meio desses embates. Sua formação ideológica oscila entre a instituição Família, pela interiorização e submissão a conceitos estabelecidos socialmente, e a instituição Política da Neta Beta que busca a emancipação e empoderamento feminino. Por mais que Bel anseie por seguir a ideologia emancipatória da Neta Beta, ela cede à ideologia patriarcal de sua bisavó quando trata-se de futilidades que nada inferem na forma como ela vivencia o mundo. Em razão dessas diferenças, as conversas entre essas três personagens são marcadas pelas relações de poder.

Embora Ana Maria Machado queira entrelaçar essas vozes destoantes do interdiscurso de Bel, ao relacionar a língua com a história, o discurso das personagens não possibilita que ocorra uma conciliação, posto que isso apagaria os embates existentes nas sequências discursivas. A identidade da mulher vem sendo construída por meio da negociação da diferença, assim como posto nessa obra, entretanto com as mudanças nas práticas sociais e consequentemente discursivas, a mulher moderna caminha cada vez mais em direção ao seu devir, deixando para trás as diferentes formações sociais conservadoras e repressoras como as do discurso de Bisa Bel.

EFEITO DE CONCLUSÃO

À luz da análise do discurso produzimos um sentido de que a narrativa historiciza a trajetória da identidade da mulher e os embates enfrentados por ela ao lidar com as perspectivas: conservadoras e repressivas do passado, e progressistas da modernidade. Ana Maria Machado faz a passagem desses conflitos reais para o campo literário ao criar uma personagem cheia de imaginação, criatividade e posicionamentos como a Bel, que está se adaptando às novas práticas discursivas provenientes das mudanças histórico-sociais.

Embora a sociedade esteja passando por profundas transformações culturais e abrindo espaço – devido às lutas femininas – para a participação efetiva das mulheres nas esferas sociais, o discurso conservador ainda exerce bastante força na personalidade feminina. Nesse processo de construção da identidade da mulher, não basta apenas considerar como ela se vê, já que suas ideias, comportamentos, hábitos e costumes são construídos também pela maneira como o outro a enxerga. Portanto, a identidade feminina passa pelo crivo de uma sociedade conservadora e patriarcal que inibe determinados comportamentos e naturaliza outros, apagando a individualidade e autonomia da mulher no processo da construção de si mesmo.

Esse cenário desfavorável e injusto para as mulheres deve ser revertido por meio de um discurso de resistência e luta capaz de transformar, o papel de submissão feminina em emancipação e autonomia. A relativa liberdade permite que as mulheres assumam o protagonismo de suas vidas e histórias tornando-se, assim, conscientes do quê e/ou quem as constitui, tal como a personagem Bel, que se dispersa em Bisa Bia, Neta Beta, narrador e na própria autora da narrativa. Apesar de Bel acreditar que conseguiu conciliar as vozes destoantes do seu interdiscurso, as instituições que sustentam essas memórias de arquivo estão em constantes embates, revelando as relações de poder e sobreposição de um discurso pelo outro. Portanto, essas vozes não podem ser conciliadas do ponto de vista discursivo, uma vez que isso implicaria apagar a relação de luta e embate presente nas formulações discursivas das personagens.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi respondido na medida em que foi compreendido o funcionamento discursivo das três personagens protagonistas da obra e como se sustentam as relações entre os discursos dessas personagens. Atingido este objetivo, pôde-se transpor a ficção para a realidade, conectando a personagem Bel, as

mulheres da sociedade moderna que, negociam suas identidades através das relações de poder existentes entre os diferentes discursos.

O cumprimento do objetivo só foi possível devido à escolha da análise do discurso como metodologia. Por ser um campo de estudo complexo e que envolve outras áreas do conhecimento, a falta de tempo para aprofundar-se nesta teoria impediu que a análise fosse mais verticalizada. A análise das SD recortadas do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* tem caráter inicial e requer maior cruzamento da língua com a história – pois sentidos outros que disputam silenciosamente reclamam o seu deslindamento. Apesar dos problemas enfrentados, a pesquisa permitiu o acesso a uma prática de interpretação simbólica não subjetiva, voltada para criticidade do sujeito-leitor, que precisa considerar em, sua leitura, as marcas linguísticas, condições de produção, e a história da humanidade. Estes são os mecanismos necessários para romper com as barreiras do imediatismo e da subjetividade na leitura.

REFERÊNCIAS

- ANA MARIA MACHADO. **Biografia**. Disponível em:
<<http://www.anamariamachado.com>>. Acesso em: 14. Set. 2018.
- ARANHA, M. L. De. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2006.
- BRASIL. **LEI Nº 6.515, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1977**.
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6515.htm>. Acesso em: 14. Set. 2018.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CAZARIN, E. A. **Identificação e representação política: uma análise do discurso de Lula (1978 – 1998)**. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, área de concentração: Teorias do Texto e do Discurso, Porto Alegre, 2004.
- FERREIRA, M. C. L. Nas trilhas do discurso: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: **A Leitura e os leitores**. Eni Puccinelli Orlandi (org.). Campinas (SP): Pontes, 2ª edição, 2003.
- MACHADO, A. M. **Bisa Bia, Bisa Bel**. São Paulo: Moderna, 2007.
- _____. **Ponto de Fuga**: Conversas sobre livros. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MORAIS, M. L. Q. De. **Apresentação**. In: Núcleo de Estudos de Gênero. Campinas, 2001. p. 7-12.
- NOGUEIRA, N. A. Da. S. **As Representações Femininas nas Histórias em Quadrinhos Norte-Americanas: June Tarpé Mills e sua Miss Fury**. 2015. 168 f. Dissertação (mestrado em História) – UNIVERSO, Rio de Janeiro, 2015.
- ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E; TARALLO, F. **Vozes e Contrastes**: Discurso na Cidade e no Campo. São Paulo: Editora Cortez, 1989.
- ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso**: Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.
- _____. **A Leitura e os Leitores**. Campinas, Pontes, 1998.
- PERROT, M. **As Mulheres ou os Silêncios da História**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.
- RAGO, M. Trabalho Feminino e sexualidade. In: PRIORI, M. Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 a 606.

VIEIRA, J. A. **A Identidade da Mulher na Modernidade**. São Paulo: DELTA, p. 207 – 238. 2005.